



Carta ao Leitor

A segunda edição da revista “Caracteres” surgiu de vários embates sobre o jornalismo de revista em sala de aula. O que, afinal, difere o jornalismo diário do jornalismo de revista? A complexa teia de definições sobre jornalismo - modo de conhecimento; sistema cultural; apresentação e construção social da realidade; agendamento de temas e como pensá-los, discurso e narrativa - explicam até uma determinada medida o jornalismo de revista.

Contrário ao jornal diário, o jornalismo de revista tem as suas especificidades. As revistas são semanais, quinzenais, mensais. Até anuais. Remontam e desmontam o noticiário, as atualidades, as vivências. Propõem diferentes perspectivas. São expandidas, sua periodicidade é alongada.

Valorizam reportagens, entrevistas, infográficos e muitas fotografias. Ritmo, jeito, equilíbrio, apresentação, símbolos. O mundo apresentado pela revista é um mundo criado pela relação entre atualidade (na qual se encontram os acontecimentos e personagens) e a expectativa da comunidade de leitores.

Um olhar sobre o atual estágio cultural do Cariri. Atual no sentido de “acontecências” - tempo e espaço dilatados onde encontramos assuntos e personagens para a nossa publicação. Unindo passado e presente. Sagrado e profano.

Ao lado do Cariri do passado, criado pela força do discurso da religiosidade, das romarias, dos cordéis, da xilogravura, de Padre Cícero a Patativa do Assaré, perscrutamos um outro Cariri, onde ritos do passado se mesclam aos ritos do presente.

Mesmo práticas antigas como a das Renovações, uma tradição do catolicismo português, têm se modificado. Logicamente que o peso da

tradição e do pensamento da ‘civilização dos beatos’, ainda se impõe, mas de forma mais flexível.

Modificações também verificadas no cotidiano dos vaqueiros. O vaqueiro é o maior símbolo do sertão nordestino, cultuado na música, no cinema e na literatura. Com seu chapéu e gibão de couro, ainda resiste no sertão do Cariri.

A arquitetura do sertão – as famosas casas de taipa – também encerram fortes marcas do passado. Símbolos de uma época, que desafiam o tempo com beleza e singularidade.

Da tradição que se reinventa à herança da escravidão. A militante dos movimentos negros, Karla Agressilva conta o preconceito que sofreu e ainda sofre por ser negra.

“Lata de Spray na Mão, uma Ideia na Cabeça” dialoga com os principais grafiteiros de Juazeiro do Norte. Seus trabalhos modificam e encantam a paisagem do Cariri. Ninguém passa indiferente a um mural grafitado.

O cenário do rock autoral é o tema de outra matéria. Narra os bastidores e as apresentações da banda Algoraba, grupo de músicos irreverentes e criativos.

Numa sociedade globalizada e fragmentada, o sonho em alcançar o sucesso através do futebol permeia a vida de muitos garotos da periferia brasileira. Vida dura de meninos em busca de um sonho quase impossível: jogar futebol em grandes clubes brasileiros. Reportagem conta como vivem e trabalham esses garotos da periferia de Juazeiro.

A casa como extensão da rua. No bairro Triângulo, moradores utilizam a rua para o exercício de atividades de trabalho e lazer. Casa e a rua mostram conflitos e prazeres numa relação entre o público e o privado.

Boa leitura!

José Anderson Sandes
Professor Orientador

Expediente

Ano 2 | Edição 2
Juazeiro do Norte,
Novembro 2014
Revista experimental da disciplina
de Laboratório de Jornalismo
Impresso do curso de Comunicação
Social-Jornalismo. Universidade
Federal do Cariri - UFCA

Reportagem e fotografia:
Adelina Lima
Antônio Lima Júnior
Claudemberg Neves
Damião Teles
Francisco Mário
Jucelino Pereira
Pablo Soares
Priscilla Araújo
Rejane Lima
Élida Gomes

Professores Orientadores:
José Anderson Freire Sandes
Juliana Lotif

Projeto gráfico e diagramação:
Hanna França Menezes

Revisão
Priscila Luz





06



14



22



30



42



48



54



64

- 06** Arquitetura do sertão
- 14** Cultura através das renovações
- 22** A rua como extensão da casa
- 30** Racismo e movimento negro no Cariri
- 42** Mil passes para um sonho
- 48** Primeiro a lombra, depois a larica
- 54** Lata de spray na mão, uma ideia na cabeça
- 64** A resistente vida de vaqueiro





Arquitetura do **SERTÃO**

Ensaio **Adelina Lima** Fotos **Rejane Lima**

A través da linguagem da fotografia, o objetivo desse ensaio é provocar uma maior percepção acerca do universo sertanejo. O olhar passeia por fachadas brancas, amarelas e azuis, reconhecendo uma manifestação artística dos escultores das casas de taipas. A fotografia reúne os elementos essenciais para a composição: céu aberto, natureza agreste, sertão de resistência. Como a casa de taipa, moradia do homem sertanejo. Cultura que transcende as teias da modernidade.



“A casa do sertão tem o cheiro da terra seca, da lenha queimada, da flor do mandacaru, do curral, da água de chuva. Tem o ruído do vento solto na vegetação rasteira, nos estalos dos galhos secos e no ranger dos armadores velhos”

Oswaldo Lamartine
Sertanista





Uma veia de manifestação do espaço – a casa. Um sertão de singularidades, longe da cidade moderna, ele ainda é um “senhor pacato”. A casa rural é como uma identidade, objeto típico da paisagem sertaneja. No passado havia a ausência de arquitetos e mestres de obras com formação técnica, mas essas dificuldades não impediram a propagação de uma sabedoria milenar, que resultou na enorme variação de expressões arquitetônicas e soluções informais. O arquiteto sertanejo se inspirava em modelos de casas antigas e adaptava seu gosto aos recursos da natureza para construir sua morada.



Diante de uma fusão de estilos, a arquitetura vernacular (construção de taipa) é caracterizada pelos alicerces de alvenaria. As paredes são de taipa e o piso revestido de barro cozido ou de terra batida. A cobertura tem quatro águas com a forma piramidal e as telhas são de barro e o madeiramento aparentes. O rodapé é pintado com a mesma cor das portas e janelas. As esquadrias sem ornamentos foram feitas com tabuado comprido de junta seca.



Ao lado de uma estrada, de uma vereda estreita de mato rasteiro que enfeita a paisagem descampada, uma casa de taipa foi erguida sob pedras imponentes. De barro batido e visguinto com paredes presas a ripas, elas foram levantadas há mais de cinco décadas. Tem apenas dois cômodos, a sala e o quarto. O banheiro improvisado na parte de fora do rancho coberto com algumas palhas de bananeiras. O teto da tapera é feito de telha, mas de areia sem visgo, já desgastado pelo tempo, tem as pontas quebradas e as juntas desfeitas, deixando passar muita água no período da chuva. E, durante o inverno, as gotas d'água que caem formam enormes poças por cima do chão de terra batida, mas não comprometem os móveis, as cortinas e as toalhas de renda, simplesmente porque tudo isso não existe.

“Mas, hoje, que na beira dele, tudo dá – fazendões de fazendas, almargem de vargens de bom render, as vazantes; cultura que vão de mata em mata [...] Enfim, cada um que quer aprova o senhor sabe: pão ou pães é questão de opiniões... O sertão está em toda a parte...”

Guimarães Rosa
Escritor





O calor do sertão deixa a terra seca, porém permite as cores vivas e reluzentes, as texturas das paredes de adobe e da aridez do chão. Uma casa amarela se desenha à sombra de um pereiro antigo. Ao fundo uma antena parabólica sinaliza o contato com a modernidade. A forma arruada e a geometria que lembra Alfredo Volpi e suas bandeirinhas. À esquerda outra construção de taipa, meio achatada, estreita e baixa. Isoladas ou juntas ambas desafiam a estética formal da arquitetura e representam uma beleza singela.





A casa azul com janelinhas estreitas, parece uma continuação da paisagem, que dialoga e harmoniza com as plantinhas de decoração. A cor também se confunde com o céu e os traços brancos que denunciam o seu desgaste, se parecem com nuvens.

Cada casa do sertão tem um som próprio, um cheiro próprio, formas e cores singulares. Tem a tristeza e alegria, a partida e a saudade, têm Deus e o diabo, tem vida e a morte Severina, tem uma arquitetura natural. As casas são construídas numa espacialidade particular. É essa a estética do sertão que parece flutuar na superfície, rompendo as mazelas causadas pela seca e espalhando beleza e simplicidade na cultura do sertão, na cultura do Cariri.]

“Cada vivente tem o seu sertão. Para uns são as terras além do horizonte e, para outros, o quintal perdido da infância”

Oswaldo Lamartine
Sertanista



Experiência da repórter

Durante o registro fotográfico das casas tivemos um contato face-a-face com algumas mazelas da sociedade: pobreza, miséria, falta de assistência médica e social para com os moradores das casas de taipa, denotando (em plena modernidade) o descaso com o sertão. Contudo ocorreu uma situação embaraçosa e engraçada: fotografamos uma determinada casa que pensávamos abandonada, porém na metade do ensaio fotográfico, uma senhora abriu a porta do casebre, furiosa por não termos solicitado permissão para fotografar a sua residência. Após as sinceras desculpas, imediatamente aceitas, ela nos convidou para entrar e fotografar o interior da residência humilde. Entre duas paredes uma rede balançava com um idoso enfermo que se mostrou indiferente a nossa presença. Mas senti no seu olhar um sorriso escondido, de uma vida sofrida e agreste, como as vidas do sertão.

A cultura através das **RENOVAÇÕES**

Texto e Fotos **Francisco Mário**

O catolicismo no Ceará, assim como no Brasil, remonta à época de sua colonização. Os homens brancos que vieram com o intuito de colonizar a terra trouxeram também suas características culturais e religiosas. Fatos da história que marcaram o início do catolicismo no Ceará. As manifestações religiosas católicas começaram vinculadas à figura do vaqueiro, que tinha como atividade fundamental a pecuária e trouxe para região fortes características do catolicismo português.

Frutos da mistura do branco colonizador, do índio e do negro, os vaqueiros iniciaram no Ceará várias devoções, entre elas as novenas e os santuários domésticos dedicados às orações. Essas e outras tradições continuam presentes no cotidiano de muitas famílias, que se dedicam a propagar a fé Cristã através das manifestações populares religiosas, fator evidenciado nas devoções ao Sagrado Coração de Jesus e ao Imaculado Coração de Maria, que acontecem na região do Cariri.

As práticas devocionais a Jesus e Maria são milenares, relatadas nos textos sagrados para os cristãos. No entanto, essas devoções ganham novos significados e são fortemente vivenciadas. Elas acontecem diariamente. Milhares de famílias realizam festas especiais de consagração dos seus membros ao Sagrado Coração de Jesus e ao Imaculado Coração

de Maria. As práticas se repetem ao longo dos anos e se tornaram uma expressão popular, cultural, de fé e propagadora dos princípios cristãos.

Essas consagrações são as conhecidas renovações. A devoção é repleta de traços culturais e de fé. Como em seu contexto semântico e religioso, está profundamente ligada a um momento de reestruturação, reorganização, transformação e mudanças na família, que celebram as renovações juntamente com os amigos e os familiares. É um momento especial de festejo, agradecimento e pedidos de bênçãos a Jesus e Maria, além dos santos de devoções das famílias.

Cariri cultura e religião

Localizada no sul do Ceará e com população estimada em mais de 590 mil habitantes em 2014, segundo o IBGE, a Região do Cariri é conhecida por suas potencialidades ambientais, paleontológicas, diversas manifestações culturais e religiosas. Entre essas manifestações estão às devoções ao Sagrado Coração de Jesus e ao Imaculado Coração de Maria, observadas através das renovações celebradas nas residências de milhares de famílias caririenses.

As questões culturais na região são fortemente experimentadas no cotidiano das pessoas, nas comunidades, nas escolas e noutros espaços de discussões. Uma infinidade de possibilidades sobre a concepção de

“O ambiente de devoção, popularmente chamado de ‘sala do santo’, é o espaço em que as famílias fazem as orações. Especialmente no dia da renovação, quando disponibilizam atenção especial na ornamentação”

Cícero Jean
Celebrante





Os ritos são marcados pela expressão da fé, de preces e agradecimentos

cultura circula a região. A secretária de Cultura da cidade do Crato e coordenadora da ONG Beatos, Dane de Jade, afirma que o Cariri é marcada pela cultura em suas diferentes perspectivas, e que apesar de sua complexidade é vivida no cotidiano das pessoas.

— Falar de cultura é falar de uma complexidade da vida humana. Hoje sabemos que trabalhar com cultura é uma questão apaixonante. Temos catalogado mais de 400 conceitos de cultura com várias nuances. Cultura tem essa complexidade, mas na verdade ela está presente no cotidiano. Precisamos entendê-la em todos os seus aspectos. No aspecto antropológico, sociológico, político, econômico, educacional, então tudo isso faz um panorama do que é a cultura.

Dane de Jade visualiza que existe uma forte relação entre religiosidade e cultura. Em sua tese de doutorado, “Civilização dos Beatos- Um roteiro de memória e desenvolvimento para o turismo cultural na Região do Cariri cearense”, ela aborda o pen-

samento beato como um dos grandes responsáveis pelo avanço e constituição do Nordeste brasileiro, além de estar presente em diversas manifestações culturais e religiosas observadas no cotidiano dos nordestinos.

— Venho falar desse pensamento beato, que inclusive traz a questão da religião muito fortemente, e de um catolicismo popular onde se criam as penitências, as renovações, a fé de outra forma, os romeiros que se deslocam para ir às hierópolis que são as cidades consideradas espaços sagrados. Esse pensamento beato para mim é o grande responsável pela constituição desse Nordeste brasileiro. Avançamos de lá para cá por conta desse pensamento que, para mim, é totalmente um pensamento vanguardista. São beatos que tinham um pensamento totalmente avançado à frente de seu tempo. Hoje, tudo o que fazemos no cotidiano, são ações que recebemos de todo esse legado.

A secretária observa que a ligação do homem com a cultura e fé está presente na vida e no cotidiano. As manifestações, como as renovações,

“Falar de cultura é falar de uma complexidade da vida humana. Hoje, sabemos que trabalhar com cultura é uma questão apaixonante”

Dane de Jade

são expressões dessa ligação do homem com o sagrado. “Isso vem desde os primórdios, porque você tem toda essa ligação, tudo o que o homem vai fazer, ele vai fazer imbuído dessa fé, desta crença. Então, quando ele, por natureza é um crente, acredita em algo. Essa junção da cultura e religião sempre esteve presente na vida do homem e a renovação diz muito disso”.

Os rituais

Os ritos devocionais das renova-

ções ao Sagrado Coração de Jesus e ao Imaculado Coração de Maria, que acontecem na Região do Cariri, são marcados pela expressão da fé e de um sentimento de preces e agradecimentos. A espera por esse momento requer preparação. Muitas famílias economizam durante todo o ano para conceber o melhor em relação à organização do festejo. A manifestação está presente também na movimentação econômica da cidade, evidenciada na reforma das casas e na aquisição de utensílios que serão

utilizados na ocasião.

Apesar de existirem direcionamentos dos ritos devocionais através dos livros específicos para a celebração, as renovações são manifestações não estáticas, sendo incluídas expressões de devoção de cada família e adaptada pelos celebrantes que conduzem os ritos. A escolha do dia da celebração está ligada a um momento especial para a família, que pode ser a memória ao dia do matrimônio, aniversário de um membro da família, dia do santo de devoção, ou simplesmente pela necessidade de celebrar, motivos estes que influenciam diretamente na forma que os celebrantes conduzem a festa.

Muitas são as mudanças que acontecem na forma de celebrar, caracterizadas pela inclusão de cânticos, orações de preferência da família, de como os celebrantes conduzem o momento. Mas todas têm um mesmo sentido, o de renovar a fé e agradecer a Deus por todas as graças recebidas. Outra característica das renovações é o papel que a mulher desempenha como protagonista das atividades realizadas antes, durante e depois do festejo. São elas que quase sempre assumem desde a preparação de todo o ritual até a condução das orações que fazem parte da festividade.

— A mulher tem um papel fundamental. Existem na história momentos em que a mulher dominava a cena, haja vista as histórias das Icamíabas, das Amazonas, mulheres guerreiras. O papel da mulher é fundamental nessa questão da religiosidade: ela que conduz as novenas, a festa, recebe os convidados e faz toda a produção do ritual. Esse papel da mulher é fundamental na convivência familiar e na convivência social, afirma Dane de Jade.

Os cânticos ou benditos como conhecidos são os mais variados, desde os que têm autoria desconhecida até a inclusão de músicas religiosas lançadas pela indústria cultural.



O papel da mulher é fundamental. Ela conduz as novenas e organiza a festa

Entre eles, não podem passar despercebidos os que fazem memória ao Padre Cícero, um dos grandes influenciadores dessa prática na região do Cariri. “Salve, meu padrinho Cícero! Lá em seu trono de glória (bis). No céu está resplandecente Junto com Nossa Senhora! (bis) Meu Padrinho as nossas vozes entoando em seus louvores (bis). Rogai por nós lá no céu à Santa Virgem das Dores (bis). Lembrai-vos, meu Padrinho Cícero, que somos vossos romeiros (bis). Abençoi nossa terra! O vosso santo Juazeiro! (bis)”

Os benditos transitam entre súplicas, entregas e agradecimentos. Em muitas casas, cada cântico é sinalizado com fogos de artifício mostrando que ali está acontecendo a festa de devoção da família. As renovações ao Sagrado Coração de Jesus e ao Imaculado Coração de Maria abrangem todas as classes sociais. A festa é preparada e cada família oferece o melhor nesse momento, inclusive no famoso café do santo que é lanche, almoço, ou jantar ofertado aos amigos e familiares após a benção dos ritos da renovação.

Expectativa

Cícero Jean, um dos celebrantes de renovações na região do Cariri propaga a devoção há doze anos. Ele explica como o momento da celebração é esperado. Jean afirma que existe uma preocupação em preparar de maneira mais adequada a ocasião, quando acontece o encontro com os familiares e amigos, além do cuidado e do zelo com o ambiente de devoção que popularmente é chamado de “sala do santo”, onde as famílias dedicam um espaço da casa para as devoções e, especialmente no dia da renovação, disponibilizam atenção especial na ornamentação.

— As famílias criam aquela expectativa, e o bonito dessa festividade é a recepção que se tem não só dos convidados, que costume dizer

são os convivas da grande festa, em torno do altar pedindo bênçãos para Jesus e para Nossa Senhora. Existe aquela recepção calorosa dos convidados, mas também existe uma preocupação para apresentar a Deus o melhor. É tanto que nas casas que vamos presidir as renovações, percebemos a atenção especial que as pessoas dão para aquela sala, aquele momento, aquele lugar central da casa que é preparado especialmente para as imagens do Sagrado Coração de Jesus e do Imaculado Coração de Maria, assinala Cícero Jean.

Dane de Jade lembra como eram conduzidos os ritos na casa de seus avós, onde hoje funciona a ONG Beatos na cidade do Crato-CE.

— A minha avó sempre fazia a renovação no sítio, dia 13 de junho. Era festa, e tem todo um ritual. Lembro que minha avó construía fornos para fazer sequilhos, aluás; matava galinhas, porco, tudo isso era uma festa com muita abundância. Durante a noite recebia as visitas em que as mulheres e os homens iam rezar e tirar a novena. Tirava-se a novena rezando todas aquelas ladainhas e cantando os benditos. Ali estava fazendo adoração e renovando os votos, e logo em seguida, tinha a festa, que em muitas renovações existem o forró, em outras, os repentistas.

Celebrantes

As celebrações das Renovações ao Sagrado Coração de Jesus e ao Imaculado Coração de Maria são realizadas pelos conhecidos “tiradores de renovação, rezadores e rezadeiras, presidente e celebrantes”. São crianças, jovens, homens e mulheres do campo e da cidade, leigos ou consagrados e membros do clero. São eles, os propagadores dos ritos e das devoções das renovações aqui na região.

A dona de casa Raimunda Maria dos Santos, 75, revela que começou a celebrar os ritos das renovações em 16 de novembro de 1948, quan-

“Porque isso faz parte não só de uma tradição, que nós temos aqui no cariri em Juazeiro especificamente, mas que tem essa característica de inovar e renovar a fé daquelas pessoas”

Cícero Jean
Celebrante

do tinha apenas 10 anos de idade. Dona Raimunda afirma que a segunda oportunidade de celebrar os ritos ocorreu quando foi convidada para uma celebração e a “rezadeira” não compareceu. Para que não se cancelasse a celebração, solicitou o livro dos ritos e como não o encontrou, ela celebrou com as orações que tinha aprendido. Desde então, nunca mais precisou do livro para celebrar os ritos devocionais.

A aposentada ainda afirma que as celebrações também aconteciam na casa de seus pais. “Desde que eu me entendo por gente tem renovação do Coração de Jesus na minha casa”. Assim como seus pais, ela e seus filhos também seguem a manifestação. Dona Raimunda revela que no dia seguinte, ao receber o sacramento do matrimônio, realizou a primeira renovação em sua casa e já faz mais de

54 anos de celebrações, que sempre acontecem no dia 28 de dezembro.

Ela observa que tem algumas pessoas que celebram os ritos e diferem dos que eram celebrados anos atrás. Foram incluídos também novos cânticos, mas existem alguns celebrantes que rezam e que guardam os ritos de antigamente. As mudanças também são vistas no conhecido “café do santo”. A aposentada prefere seguir uma tradição de servir café e chá “de primeiro era o café e chá, não era cajuína”.

Com cânticos, reflexões e os vivas, as renovações são um profundo momento de agradecimento a Deus por todas as graças recebidas durante o ano. Cícero Jean pontua que essas características são encontradas nos livros dos ritos devocionais das renovações: “É tanto que o livrinho que traz as orações que compila a liturgia da

renovação traz os apelos, os rogos e também os agradecimentos das pessoas para com Deus, no sentido de que Ele está ali ouvindo os seus agradecimentos pelas bênçãos que são providenciadas durante o ano”.

O celebrante ainda revela o significado da devoção na sua caminhada cristã e como expressão de um povo. “Acho muito importante do ponto de vista espiritual e religioso, porque as pessoas por meio das orações e das rezas conseguem expressar um sentimento diferenciado de amor a Deus. Esse sentimento que é expresso através dos cânticos e transmitido com um linguajar simples que, com certeza, agrada por demais o coração de Deus, porque é aquilo que busca no coração das pessoas. Então, acho muito importante, até porque isso faz parte não só de uma tradição que nós temos aqui no Cariri, em Juazeiro es-



Cícero Jean: “Não se trata de um esagero nem de uma idolatria. É apenas a expressão genuína da fé”



Dona Raimunda dos Santos há 65 anos celebra a devoção no Cariri

“Desde que eu me entendo por gente tem renovação do Sagrado Coração de Jesus na minha casa. Meus filhos também seguem a tradição”

Raimunda dos Santos



Experiência do repórter

Para mim, cristão católico, falar sobre religiosidade é concretizar um sonho enquanto jornalista. A região do Cariri tem essa forte característica religiosa, e a religiosidade popular transita nessa mescla entre receber, ofertar e agradecer. Falar sobre renovações é relatar uma experiência de vida, algo concreto de amor a Deus.

Cultura e religião estão interligadas, essa é a abordagem da matéria, que traz como expressão de amor a Deus essa manifestação tão presente no Cariri. A produção se deu através de entrevistas e participações nas celebrações, tendo em vista a orientação dos professores do laboratório de impresso, da técnica e de alguns amigos do laboratório que se dispuseram à leitura e sugestões para melhor produção.

pecificamente, mas que tem essa característica de inovar e renovar a fé daquelas pessoas”.

Em relação ao misticismo religioso, Jean identifica que se trata de algo benéfico e não contraditório para religião católica.

— Parte um pouco para um misticismo religioso? Claro, mas nós podemos dizer que isso é benéfico. Muitas pessoas veem um pouco de forma contraditória a devoção ao Sagrado Coração de Jesus e ao Imaculado Coração de Maria. Talvez até extrapolem pensando: não, ali se trata de um exagero, ou até mesmo de uma idolatria. Na realidade para o povo simples não é nada mais do que a expressão genuína da fé. As pessoas, através da renovação, conseguem ter essa aproximação com Deus, conseguem conversar e dizer para Deus os seus sofrimentos.

O celebrante ressalta seu papel

nos ritos da renovação e define que se trata de uma importante contribuição para a construção do reino de Deus e fortalecimento da Igreja Católica. “Tudo isso brota genuinamente do coração humilde das pessoas. Nós que presidimos, fazemos parte de um legado muito bonito para fé religiosa e espiritual da Igreja Católica. É muito importante, e temos a certeza de que chega aos ouvidos de Deus”.

Com toda sua amplitude, as renovações fazem parte de um legado histórico e cultural da região do Cariri. Através das vozes de um povo simples, expressam um sentimento de louvor e gratidão a Jesus e a Maria.]



DIAP

Divisão de Informação, Atendimento e Protocolo

Discentes

- Emissão de declaração de matrícula, atestado de matrícula, histórico escolar, ementa de disciplinas, declaração de colação de grau;
- Abertura de processos de aproveitamento de disciplinas, expedição de diplomas, trancamento parcial e total, reabertura de matrícula, cancelamento de matrícula, correção de dados cadastrais/histórico, etc.;
- Recebimento de solicitações de segunda chamada;
- Informações em geral.

Docentes e Servidores

- Atendimento primário de abertura de processos relacionados com a PROGEP; Empréstimo de datashows e notebooks;
- Reserva de salas;
- Outros atendimentos.

Comunidade externa

- Informações em geral (Quais os cursos da UFCA, forma de ingresso na UFCA, horários dos cursos, eventos realizados pela UFCA, etc.)



A rua como extensão da CASA

Texto e Fotos **Rejane Lima**

Já observaram que de uns anos para cá a rua vem se esvaziando? O alto índice de violência crescente na vida urbana tem grande parcela de culpa desse desconforto dos moradores sobre a ocupação do espaço público, provocando o isolamento das pessoas. Pois bem, isso não acontece em todos os lugares, existem comunidades onde a casa não é o único espaço integral da vivência pessoal. No bairro Parque Triângulo, em Juazeiro do Norte, moradores desfrutam da rua de forma despreocupada e confortável, configurando “público” e “privado”, próximos e semelhantes, através de um importante ambiente e fio condutor - a calçada; “ponte de transição para outro mundo”, como declara Maria Lúcia, uma das moradoras do bairro.

O uso do espaço público, como extensão da vida privada, desperta curiosidades, mas não é de total estranheza. Quem já não viu na calçada crianças brincando, senhoras sentadas conversando em fim de tarde? Não é preciso muito esforço para notar ainda atividades como fazer crochê, estender roupa no varal, fazer unhas, jogar xadrez, comer, colocar caixa de som ligada e comemorações; hábitos típicos da vida pessoal que nos remete aos limites arquitetônicos do que chamamos de casa.

Mas, o que leva tais ações sair da casa para a exposição aos outros? Qual o significado dessa extensão, e

como os moradores veem esses hábitos e o que enxergam a partir dessa calçada?

Para entender como funcionam essas ações, existe uma série de vertentes a considerar na observação desses modos de viver que representam tanto nossa individualidade, como coletividade. Alguns moradores do bairro Triângulo em Juazeiro declaram a satisfação em estar na calçada e tentam explicar o significado desse ambiente. Para o antropólogo Roberto DaMatta é preciso observar esses lugares com olhar mais complexo, considerando que não se limitam a espaços geográficos entre quatro paredes. Para ele, esses ambientes são constituídos de sentidos morais. Compreender o significado de “casa” e “rua” e quais suas relações com nossa cultura implica em problematizar a calçada e vê-la não apenas como limite entre um e outro, não apenas local familiar, mas, exótico que vale ser desvendado e conhecido.

Espaços reconfigurados

De acordo com estudos históricos, a casa na conotação de local privilegiado, físico, existe alinhada à configuração dos costumes “feudais”, onde, as famílias patriarcais eram “dotadas de poderio”. O espaço da casa era de privilégio e domínio sobre os que não tinham um teto. Estar na rua e estar em casa simbo-

“A varanda é aquela parte frontal e aberta da casa, onde se tem visão privilegiada da rua e se pode tanto se sentir protegido como exposto”





Crianças brincam nas calçadas: liberdade, imaginação e criação

lizava em meados do século XIX uma divisão imposta mais referente à desigualdade social do que opção de apropriação e interação. Dois espaços representando oposições e diferenças sociais, que determinavam as ações e valores humanitários.

Nem sempre quem esteve em casa se sentia em local privilegiado e nem todos se sentiam desprovidos. A casa, como prisão e rua como liberdade, mescla-se com as finalidades estabelecidas na sociedade entre o adequado para moradia e vivências, e as necessidades dos indivíduos.

O local do privado se tornou amplo e o território público de direito ao indivíduo que, por sua vez o denomina como “seu” – “minha casa”, “minha calçada”, “minha rua”, “meu mundo”.

Mas de onde veio essa história de dizer que a calçada é “minha”? Além dos valores morais de que Da Matta se refere, nos fazendo considerar nossa casa qualquer lugar do qual

nos achamos parte, (nossa casa pode ser tanto nossa igreja, como país, como quarto, rua e calçada). Bom, segundo a moradora dona Maria Soledade, de 49 anos, dona de casa, esses costumes vieram da vida rural há anos, quando as pessoas costumavam sentar nas suas varandas e alpendres.

A varanda é aquela parte frontal e aberta da casa, onde se tem visão privilegiada da rua e se pode tanto se sentir protegido como exposto. Criada em um sítio na zona rural da cidade, Soledade lembra que seus pais tinham o hábito de ficar olhando o povo passar, lá recebia os amigos, tomavam café. Uma forte motivação era o vento agradável que passava naquela terra árida. O senhor Cícero de Sousa, aposentado, de 81 anos, que adora lanchar na calçada, também afirma: “sempre foi assim, desde criança quando ainda trabalhava na roça”. Quantas gerações esses hábitos passaram.

O Triângulo é só uma pequena

“O uso do espaço público como extensão da vida privada desperta curiosidades, mas, não é de total estranheza, mesmo utilizada de formas mais particulares”

amostra. Sua história é a de muito outros bairros.

Há 25 anos era um bairro deserto, pouquíssimas casas, muitos terrenos, os moradores plantavam, era uma zona rural. Sem água e energia, a vida era pacata e os sinais de violência zero. Anos depois, com a chegada da energia e água, empreendimentos nas proximidades como o shopping, o bairro cresceu rapidamente e veio junto com a marginalidade.

Entretanto, nem todos os bairros se dão o desfrute de utilizar a calçada confortavelmente. A modernidade empurra as pessoas cada vez mais para o isolamento. Com o alto índice de violência e o crescente investimento em projetos urbanos contemporâneos de segurança nas moradias e a construção de condomínios se perde na grande cidade essa apropriação da rua como fim de interação social. Maria Jesus, dona de casa de 56 anos, declara preferir estar dentro de casa por receio da marginalidade.

Se por um lado as pessoas têm se fechado em busca de proteção, os investimentos urbanos caminham para a inadequação das pessoas às calçadas e ruas. Com mais vias para carros e menos para pedestres. Empecilho para essa interação casa, rua, são muitos. Ainda assim há de se admirar que embora acelerados os grandes empreendimentos arquitetônicos, alguns bairros permanecem com costumes como se vivessem em um universo à parte, um mundo de tranquilidade e unidade.

Socialização x inconveniência

Mas nem tudo é mar de rosas, no que se refere à apropriação desses espaços urbanos. Existem algumas insatisfações por parte dos usuários dos espaços. Afinal nem tudo que o vizinho faz agrada ao outro. E bom seria se muitos hábitos não ultrapassassem o limite do outro. Mas nem sempre é assim. No bairro Triângulo os moradores deixam claro que utilizam a cal-

çada de forma a não incomodar ninguém. O mesmo esperam dos demais. Mas na prática isso nem sempre acontece. Uma moradora de 86 anos, que não quis se identificar, diz que existe muito desrespeito: “ninguém é obrigada a ficar ouvindo pessoas gritando palavras na sua porta, o fato de cada um ter sua calçada, não pode esquecer que ela é parte da rua”.

Tendo a sociedade como uma “grande família”, como observa Da-

Matta, e, talvez por isso mesmo, nos bairros mais aconchegantes haja também muitos conflitos. Afinal, nem todas as pessoas podem dizer que é maravilhoso ouvir um som em volume extremo na calçada do lado. Nem todos os pedestres são cordatos diante de calçadas interrompidas seja por uma mesa de bar, jogo ou uma banquinha de doces. Por um motivo ou outro, verificam-se algumas inconveniências nessa apropriação do espaço



Moradoras do bairro Triângulo em Juazeiro: conversa descontraída

público, mesmo que esses sejam em nome do coletivo e da agregação.

Adelaide Santos, estudante, 28 anos, conta o que mais a aborrece. É quando chega em casa e para estacionar o carro na garagem tem que falar com os vizinhos para tirarem ora bicicletas, ora motos, ora cadeiras na frente da sua garagem. “As pessoas ficam tão à vontade que esquecem do ‘outro’; se estão incomodando ou não. E ainda se irritam quando reclamam”.

Todavia é nessas relações que se tornam complexas os conceitos de

público e privado. A “minha” calçada me dá o direito de usar como eu queira? Para a maioria dos moradores a resposta é não. Entretanto, muitos querem a liberdade de utilizar a calçada como sendo de propriedade inteiramente privada.

Plantar uma árvore e a árvore de minha escolha; colocar um piso de cerâmica amarela, bancos para sentar, se a casa é de nível elevado; uma escadinha vai bem. São decisões que muitos tomam em relação à calçada, como uma espécie de compensação,

em busca de um lugar que não existe e que eu desejo, eu construo, adapto. Parte desse desejo tem implicações no pouco investimento em ambientes de lazer na sociedade. Estar na calçada é estar muitas vezes mais em casa do que em qualquer outro lugar. “Gosto de trabalhar aqui fora e deixo as crianças brincando, porque é mais divertido, o tempo passa mais rápido, em casa é muito chato” declara, com sorriso largo, Jussimara Santana, 22 anos, mãe e montadora de bijoux.

Diante de hábitos particulares, pensá-los sobre quais implicações vêm causando na vivência dos moradores como comunidade é fundamental para garantir o espaço do público e do privado e por que não dizer o “espaço do indivíduo na sociedade”? Quais os limites de uso de maneira que todos sejam respeitados?

Para DaMatta, tendo a sociedade como entidade globalizada, ou seja, grupo que faz parte de um sistema que tem suas próprias leis e modos de se organizar; para conduzir os participantes como devem se estabelecer; necessitam da cooperação de todos para garantir os espaços desejados.

O olhar dos moradores

A relação dos moradores com a rua e a visão deles sobre o uso da calçada no cotidiano da cidade urbana é um território particular, considerando que a calçada surge não apenas como uma linha de divisão de território, mas local também de conflito. Isso porque ela é extensão tanto da casa como da rua, o encontro do público e do privado, do individual e do coletivo, encontro de culturas, o que propicia vivências e trocas. A calçada é espaço de todos e talvez de ninguém. E é desse pedaço de chão que os moradores enxergam o mundo da casa e da rua.

Maria Soledade que o diga: “viver com a porta fechada me deixa sem ar. Estar fora me deixa próxima dos vizinhos. É preciso a troca de



Moradora prefere costurar na calçada e observar movimento do bairro



A casa e a rua: espaços constituídos de sentidos morais

“Viver com a porta fechada me deixa sem ar. Estar fora me deixa próxima dos vizinhos, é preciso a troca de oxigênio”

Maria Soledade

oxigênio”. Ela diz que é a extensão da sua vida porque se sente parte daquelas pessoas, sendo a calçada é a grande mediadora.

Ela gosta de manter a porta da casa aberta, como se a calçada fosse parte da sala. De lá Soledade explica que olhar para rua é enxergar uma vida sem limites, não há demarcações. Soledade comenta sobre a relação que tem com jovens considerados delinquentes do bairro. Declara que “às vezes se aproximar é a melhor forma de se proteger”.

Para alguns, a calçada é parte integral da sua casa e, em consequência, ambiente de liberdade para ações da vida particular. Para Dona Maria Jesus, 56 anos, a calçada é um ambiente para andar e conversar. “Acho feio o povo comer e se deitar bêbado na calçada, por exemplo, atrapalha a passagem, incomoda”. Saber da

vida das pessoas, sendo participante, como em um *reality show*, não atrai a todos como se imagina, embora alguns admitam gostar de fofocar, como Jussimara Santana. Da mesma forma, nem todos que sentam na calçada são pessoas desocupadas. É o caso da Jussimara que utiliza a calçada mais para trabalhar nas bijoux do que qualquer outra coisa.

Da calçada as pessoas se descobrem e descobrem mundos. As paisagens são inúmeras, os motivos tão íntimos quanto suas ações, muitos estão mais interessados neles mesmos. Simara dos Santos que o diga. Mãe, 22 anos, que não se importa em fazer as unhas na calçada: “Não ligo se as pessoas olham, acho que elas nem reparam na verdade”. Sobre como se sente na calçada exercendo atividades julgadas como da vida pessoal, declara que a calçada é

como uma ponte, onde ela se sente livre, ao mesmo tempo que protegida, sente-se bem e, muitas vezes, esquece quem está em volta.

Os aposentados Geraldo Luiz, 80 anos, e Cícero de Sousa, 81, têm algumas coisas em comum. Não escondem que amam ficar na calçada, vendo as pessoas. São atentos ao que ocorre na rua. Para eles, a calçada é um lugar para relaxar.

Assim, a calçada toma o lugar da varanda e alpendre, onde se sentar para uma prosa com familiares e amigos não bastam. E os costumes tomam conta deste lugar tão familiar, que se reconfigura a cada instante, indicando caminhos, horizontes e, cada vez mais, quem somos, de onde viemos e quem sabe, para onde iremos.】



“Compreender o significado de ‘casa’ e ‘rua’ e quais suas relações com nossa cultura implica em problematizar a calçada e vê-la não apenas como limite entre um e outro, não apenas local familiar, mas, exótico que vale ser desvendado e conhecido”

Roberto DaMatta



Para Jussima



Maria Soledade: "Viver com a porta fechada me deixa sem ar"



Para Santana trabalhar na calçada, enquanto os filhos brincam, é mais divertido



Experiência da repórter

Foram três processos interessantes: observar, ouvir e escrever. Cada um com seus desafios e contribuições. Observar como as pessoas vivem e se relacionam com a casa, rua e calçada. Exerci meu olhar atento e sensível. Fiz parte da história daquelas pessoas. Escrever foi a oportunidade de construir uma história, narrativa mais próxima possível da realidade daquelas pessoas, de forma a valorizá-las e descrevê-las sem julgamentos.

Acrescento ainda uma parte importante do processo: o de fotografar. O que implicou numa abordagem diferenciada e proporcionou a experiência de capturar com o meu olhar o momento exato de espontaneidade daquelas ações. Cada passo, um aprendizado e uma construção. Cada tempo gasto, receptividade, história compartilhada, uma descoberta. Elementos ricos desse emaranhado de conceitos e de fatos. Na reportagem, um resultado de uma relação mais que jornalística. Uma experiência de vida.





Racismo e movimento negro no **CARIRI**

Entrevista **Karla Agresilva**

Entrevista **Pablo Costa**

Fotos **Élida Gomes**

Karla Alves, 30 anos, mais conhecida como Karla AgreSilva é uma voz que se levanta contra o racismo no Cariri. O epíteto - AgreSilva - foi colocado após um episódio de racismo envolvendo Karla na Universidade Regional do Cariri (URCA).

Mãe, estudante, militante e trabalhadora, Karla mostra que a mulher negra está condicionada a uma jornada de trabalho extenuante. Ela sofreu na pele vários episódios de racismo. Nesta entrevista, ela conta momentos de aflição e sofrimento que marcaram a sua vida. Desde a infância, quando foi proibida de tomar banho de piscina com amiguinhas por causa da sua cor.

Preconceitos como este, formaram a sua personalidade. Ela começou a participar de grupos como o N'BLAC (Núcleo Brasileiro Latino Americano e Caribenho de Estudos em Relações Raciais, Gêneros e Movimentos Sociais), o GRUNEC (Grupo de Valorização Negra do Cariri) e atua agora no coletivo Pretas Simoa, que vem pautar a especificidade da mulher negra.

Não se enquadra no movimento feminista por não acatar as pautas dos movimentos negros. Prefere ações que abarquem as diversas perspectivas que constroem as relações entre os movimentos sociais. Karla discute, nesta entrevista, um



Reconheci que a liberdade não



ção é uma concessão, mas sim uma efetiva luta

Cariri permeado por racismo. Uma região que torna invisível os negros pelas relações de clientelismo estabelecidas desde o período colonial. Karla reflete sobre uma causa que ainda afeta e oprime muitas trabalhadoras e mães de família negras. Mostra a cultura negra que está diante dos nossos olhos, mas marginalizada.

Caracteres - Um dia conversando com uma militante do movimento negro, ela afirmou: “Cariri é sinônimo de racismo”. Você concorda com essa afirmação?

Karla Agressilva - Nas minhas percepções e experiências como uma pessoa que nasceu e viveu aqui, o Cariri é sim sinônimo de racismo, assim como o restante do Brasil. Porque o racismo é uma doença social que está institucionalizada em todos os setores da sociedade brasileira. Por atingir todos os setores, atinge também todas as regiões, independente da população de negros e negras. Nesse sentido o Cariri assim como o restante do Brasil, é uma região racista. E essas práticas estão evidentes.

Como você percebe a influência negra nos diversos âmbitos (economia, cultura, profissões, etc) que compõem a sociedade brasileira, assim como também nas relações sociais?

A população negra construiu a riqueza que se concentra hoje nas mãos da elite brasileira e que se acumulou durante toda a história do Brasil. Isso tudo foi construído pelos negros, o que a história vem omitindo. Falando ainda no âmbito nacional, sobre a participação negra nos aspectos sociais, econômicos, agrônômicos, culturais, observamos que quando os escravocratas iam buscar a mão-de-obra negra e submeter a escravidão no Brasil, selecionavam antes as regiões onde iam pegar esses sujeitos. Aqui no Ceará e no Nordeste como um todo, que teve um segmento es-

cravocrata voltado para a agricultura, a população negra tinha uma sensibilidade com o manuseio dessas técnicas. No Cariri isso é perceptível nos engenhos da região, onde se sobrepõe uma população negra. Você percebe a carga histórica de opressão que essas pessoas carregam e continuam reproduzindo numa relação de clientelismo com os netos e bisnetos dos donos de terra, que ainda os tratam como inferiores e subalternos deles.

Como você vê a representação da imagem negra dentro da universidade?

O sujeito negro é representado como um sujeito passivo dentro da historicidade hegemônica pautada nos âmbitos acadêmicos. Procurando conhecer a história do negro fora da universidade, fugindo dos estereótipos, fomos descobrindo que nós tivemos sim representatividade e que é necessário demonstrá-la para as próprias crianças se perceberem como protagonistas de sua própria história.

Como você analisa o processo de invisibilização e negação da cultura negra que acontece no país?

Há uns dois anos eu fazia uma disciplina no curso de história da URCA (Universidade Regional do Cariri), onde trabalharíamos textos sobre a história do Ceará. Dentre eles tinha um texto que se chamava “Negros no Ceará” que, segundo a própria professora, não precisaríamos desperdiçar uma aula inteira com ele porque aqui a gente não percebe a presença negra. Logo, eu disse que, talvez nos locais que ela circula, talvez no Departamento de História, talvez na administração da universidade, talvez sentada ao seu lado nos restaurantes, a presença negra seja mesmo imperceptível. Mas dentro das cozinhas, os motoristas dos ônibus, os lixeiros, as faxineiras, a mulher que serve o cafezinho dentro da repartição, a maioria

desses indivíduos são pretos. Isso aí vem acusar duas coisas: a primeira é a invisibilidade negra que acontece na construção do Ceará e, por sua vez, na região do Cariri; a segunda é qual a condição da população negra nessas regiões. Nós não ocupamos os cargos de professores e administradores da universidade, o número de estudantes negros é muito baixo, as condições e lugares sociais ainda são aqueles que se mantêm exatamente desde o período colonial. O que muitos estudiosos estão fazendo, a partir de novos estudos, como o Professor Alex Rattz da UFMG, é demonstrar que a partir dos quilombos e outros artefatos existentes, a presença negra no Ceará é efetiva desde os seus primórdios. Daí você percebe que, para além de toda essa história, existe uma grande contradição, as mãos negras construíram esse lugar, construíram esse país, construíram o Cariri. E, ao mesmo tempo, é negado até o direito de existir enquanto negro e negra. Quando não temos representatividade, a tendência é se negar.

Onde podemos encontrar essa representatividade?

Tal representatividade, essencial para que os sujeitos não se identifiquem enquanto sinônimos de escravos, e sim de pessoas que construíram esse país, pode ser visualizado em diversos momentos e aspectos. O Reisado que é uma prática cultural muito forte aqui na região, o próprio Maracatu. As comunidades religiosas como os Candomblés e as Umbandas, e no caso de exemplos do meu cotidiano, posso citar uma das mulheres negras que mais admiro aqui na região que é a Mãe Maria. Ialorixá de um terreiro de candomblé, ela vem mostrar que esses lugares são lugares sagrados não só pela sua religiosidade, mas por vincular e manter grande parte da cultura negra aqui no Cariri. A culinária, a vestimenta, a oralidade e a história passada através dela, a corporeidade, e a própria forma de organização que existe dentro do terreiro se reflete também em outros âmbitos sociais, evidenciando a presença negra na região, que na maio-

ria das vezes não é reconhecida em sua grandiosidade, como patrimônio histórico material e imaterial. É preciso que nossas crianças saibam que para cá vieram reis e rainhas, como a rainha Nzinga Mbandi, que a capoeira e o Maracatu cultuam em seus cânticos e danças. O problema é que a história só é contada a partir da escravidão como se o negro no mundo inteiro só existisse a partir daquele contexto de opressão.

Qual a importância das medidas públicas que foram conquistadas como a criminalização do racismo e a obrigatoriedade da lei 10.639/03, que inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”? Elas ajudam a efetivar a protagonização negra?

Não. Cotidianamente estamos nos deparando com denúncias, quando não são dos professores, são dos próprios alunos que sofrem com o preconceito e que dizem: “Me ajudem, eu



“Eu lembro de tudo que passei por causa do meu cabelo, inclusive da dor que foi aceitar meu cabelo”

não consigo mais frequentar a escola porque eu não aguento mais conviver com isso.” A gente não pode negar que a lei 10.639, aprovada em 2003, foi uma grande vitória para o movimento negro, pois foi uma conquista do movimento e não uma concessão governamental. A principal medida pública que deveria se institucionalizar era uma punição para os setores educacionais que não cumprem a lei 10.639. Nós sabemos que diversas escolas não cumprem e quando dizem que cumprem é porque colocaram um grupo de capoeira dentro da escola ou porque fazem uma festa no dia 20 de novembro com um desfile da beleza negra. A lei é transversal e interdisciplinar e ela não está sendo aplicada como de fato deve acontecer durante o ano letivo. As universidades querem dar de conta dessa lei aplicando uma única disciplina sobre a história negra, durante todo o curso, o que é praticamente impossível. Essa ação vai se perpetuando e a história negra vai sendo contada sempre vinculada à escravidão, que aconteceu no Brasil, causando um prejuízo enorme tanto pra subjetividade negra quanto para as relações que se estabelecem no seio da sociedade. Cria-se um valorativo da criança negra se achar inferior e da criança branca se achar superior.

Falando no preconceito que se acentua ainda mais quando fazemos o recorte de gênero dentro dos estudos raciais, como você vê a intersecção entre os movimentos e as relações que se firmam entre a luta racial e a luta de gênero?

Em termos de organização política, em torno do movimento feminista, por exemplo, o que eu posso diagnosticar é que o combate ao racismo nunca foi o tema central. Isso é demonstrado não só nas práticas, como também na própria literatura oficial do feminismo no Brasil, que insiste

em não reconhecer as mulheres negras que construíram o feminismo nesse país. A história mostra que mulheres negras, como Luíza Maim, Aquatume e Antonieta de Barros já lidavam com várias categorias de ser mulher, que hoje o feminismo aponta como sendo o desafio da mulher contemporânea. Conciliar os avanços conquistados pelo feminismo, como o direito a trabalhar e a estudar, com aqueles resquícios do patriarcado que é o ofício de ser a cuidadora do lar, já era algo que a mulher negra enfrentava há muito tempo. O que acontece é que o feminismo não reconhece esse ativismo, não reconhece a participação dessas mulheres e não reconhece inclusive as intelectuais negras que construíram o próprio feminismo.

Como você analisa a relação entre o feminismo e o movimento negro no bojo nas mais variadas especificidades da mulher - região, orientação sexual, classe?

Pegando o caso da região Nordeste, 83% dos feminicídios são de mulheres negras, no entanto o racismo não é e nunca foi uma pauta central dentro do feminismo. Já vendo a conexão entre a questão racial e as demais especificidades, podemos falar sobre uma mulher lésbica e negra. O deflagrador sempre vai ser a questão racial, os primeiros xingamentos serão: “sua negra sapatão!”, “sua negra..” sempre. Além disso, a mulher lésbica, especificamente, pode passar por uma mulher heterossexual, já a mulher negra não pode passar por outra coisa a não ser negra. Ela nunca vai poder passar por uma mulher branca. Ela pode até alisar o cabelo, colocar lentes de contato, pode ficar dentro de uma banheira com água sanitária durante dias, mas ela jamais vai conseguir passar por uma mulher branca, seja ela rica ou pobre. Enquanto a questão não se tornar um tema central em diversos outros segmentos políticos, como o feminismo, como

o LGBTT e vários outros, nunca vamos conseguir avanços significativos. Embora, com a atuação movimento negro já tenhamos conseguido muitos avanços.

Karla Agresilva é feminista?

Não, eu não sou feminista. Minha construção teórico-metodológica, cultural e de vida não partiu do feminismo. Meu direcionamento político partiu do movimento negro, quando eu ingressei no ano de 2006 no GRU-NEC. Embora eu tenha me aproximado do feminismo lendo Simone de Beauvoir e outras autoras feministas, eu não conhecia uma mulher negra que me representasse naquelas bibliografias. Não só não me sentia representada dentro do feminismo, como também até hoje não me sinto. Embora eu não seja feminista, eu respeito o feminismo e todos os avanços que foram conquistados para as mulheres, inclusive avanços que as mulheres negras também estiveram lutando e morrendo pra conquistar. Mas respeitar o feminismo não quer dizer respeitar as feministas brancas, algumas delas não têm o meu respeito, porque não só não defendem as nossas pautas e ainda mais invisibilizam as nossas lutas.

Por que você passou a se identificar como AgreSilva?

“Meu engajamento político foi bem gradativo. Na escola eu já sentia a necessidade de me firmar como negra. Eu lembro que parei de alisar meu cabelo com 19 anos”

Durante algumas falas minhas por conta de um caso de racismo que aconteceu no curso de História da Universidade Regional do Cariri, quando um aluno negro foi ameaçado de morte por ser negro (as ameaças sempre traziam um cunho racista na descrição). Eu, junto com as meninas do grupo e outros alunos nos erguemos contra o racismo, fizemos uma intervenção e depois eu fui chamada para proferir algumas palestras sobre as temáticas negras. Só que eles achavam que com isso iam amenizar a situação, deixar a administração bem na fita, porque a preocupação deles era com a reputação da universidade e não com o caso de racismo em si. E, pra surpresa deles, falei que a universidade se enquadrava num termo de racismo institucional, uma vez que se omitia diante de casos como aquele, não efetivando medidas combativas. Pois todas as pessoas que omitem o racismo e que se calam diante dele acabam sendo coniventes e permitem que o mesmo se perpetue na sociedade. Com isso, as pessoas acharam que aquilo era um desacato. Eu subi no palco do salão de artes da universidade para falar contra a universidade. Eu, enquanto aluna graduanda do curso de História da URCA. Uma professora doutora fez uma colocação extremamente infeliz, quando ela falou sobre às medidas reparativas, como cotas, como as ações afirmativas. Ela falou que era impossível a gente reparar um fato histórico, isso se referindo as medidas reparativas, sobretudo de ações afirmativas. Eu disse: - Professora, eu não sou doutora, eu sou uma reles graduanda, mas eu acho que não precisa passar num curso de História para saber que é impossível se reparar um fato histórico. As medidas reparatórias, elas não entram nesse bojo, não se trata disso, não se trata de reparar um fato histórico se trata de reparar os efeitos prejudiciais de um determinado

fato histórico para um contingente majoritário da população brasileira, que é a população negra, que hoje sofre os prejuízos por conta do processo, nem tanto da escravidão, mas do processo pós-abolição, que não criou medidas pra garantir a plena cidadania para essa população recém-liberta. Isso magoou os sentimentos dela, entendeu? Ela disse que eu era muito agressiva.

Daí nasceu Karla Agresilva?

Eu percebi, com aquilo, que não foi uma fala só dela, que repercutiu também na fala de outros professores doutores, que estavam extre-

“O problema é que a história só é contada a partir da escravidão como se o negro no mundo inteiro só existisse a partir daquele contexto de opressão”

mamente estarecidos por ver que uma negra, mulher, graduanda, que se quer tinha um diploma superior, sabia falar mais sobre a história do Brasil do que eles. Aquilo magoou os sentimentos dela, eu falei: - Professora, se para ter que lhe corrigir sempre que for necessário, eu precisar ser agressiva, pois eu sou agressiva. No mesmo dia eu mudei o nome pra Karla Agresilva e ficou. Quando eles quiseram me processar, teve uma menina, que é ativista do movimento RUA - Juventude Anticapitalista, que é Nicole, veio e disse: - Pois somos todas agressivas. E mudou também o nome pra Nicole Agresilva, até hoje está assim no Facebook. Várias outras pessoas fizeram isso também. Saíram mu-

dando o sobrenome na rede social. “Fulana Agresilva” e colocando a seguinte descrição: “Eu, fulano de tal (e colocava o nome completo) considero o departamento de História e administração da Universidade Regional do Cariri omissos com os casos de racismo e coniventes também com os mesmos.” Eles ficaram doidos, porque processar uma pessoa seria fácil, mas processar cento e tantas pessoas que estavam declarando a mesma coisa era mais complicado. Eles recuaram com relação às ameaças, que não passou de ameaças pra tentar me intimidar e hoje sou com muito orgulho Agresilva.

Seria possível Karla deixar de ser “Agresilva” ou esta identidade já está cristalizada?

Essa identidade, na verdade, não é nem tanto a que eu vejo no espelho, é a que a maioria das pessoas tem de mim. Tem medo inclusive, de falar, porque pensa que eu vou vir com uma “voadora”. Eu não sou flor, nem muito menos que se cheire. Mas eu também sou doce, eu também sou sutil, eu sei ser também sarcástica, porque pra mim é preferível ser sarcástica do que ser cínica. Eu não gosto de cinismo, mas eu gosto sim da ironia, gosto de ser de vez em quando e quando necessário. Mas acontece que isso da identidade “Agresilva” vai de quem provoca. Se você me provocar de uma forma doce, vai vir mel pra sua boca, mas agora se você me provocar de uma forma agressiva, vai levar um murro em sua boca.

Como se deu o processo de construção do coletivo “Pretas Simoa”?

Quando eu ainda militava dentro do GRUNEC (Grupo de Valorização Negra do Cariri) eu já sentia falta das discussões com o recorte de gênero. Eu já conversava sobre a temática com a Veronica, ex-presidente do Conselho da Mulher do Crato,



“Não eu não sou feminista. Meu posicionamento político partiu do movimento negro”

e a Valéria, mas eu via a carência dentro dos espaços organizados pelos movimentos sobre a temática da mulher negra especificamente. Nossa primeira reunião foi em novembro de 2013, onde tivemos a pretensão de chamar o grupo de “Candances”, uma dinastia de mulheres guerreiras armadas no continente africano, que lideraram um povoado e até hoje, em todo continente, são reconhecidas como uma dinastia de grande altivez e respeito. Mas daí descobrimos que já existia um grupo chamado “Candances” no estado da Bahia. Então no mês de fevereiro desse ano, quando de fato nasceu o grupo, eu estava produzindo um artigo para encerramento de uma disciplina, sobre José Luís Napoleão, o abolicionista, que lutou pela libertação da escravidão aqui no Ceará. Quando eu estava nessa produção descobri que junto a ele lutou a sua esposa, que era conhecida como a preta Tia Simoa. Ela conseguiu mobilizar um grande número

da população de Fortaleza, daquele período para dar força popular à greve dos jangadeiros, o que garantiu uma vitória significativa, já que foi nesse momento que José Luís Napoleão, junto com os outros jangadeiros declararam que no porto do Ceará não se embarcavam mais negros, dando segmento ao processo que se consolidou em 1884, com a declaração da abolição no estado do Ceará. Então apresentei para as meninas alguns registros históricos que apontavam as ações da Tia Simoa. Ainda cogitamos a possibilidade de nominar o coletivo de “Descendentes de Simoa” ou “Filhas de Simoa”, mas preferimos ser todas Pretas Simoa. E aí, todo mundo até hoje se confunde: “Num é Pretas Simoas?” A gente diz que não, Pretas porque somos um coletivo e Simoa porque a questão da mulher negra nos une. Então o primeiro nome é no plural e o segundo é no singular, é assim mesmo, Pretas Simoa.

A Karla enquanto militante ne-

gra nasceu através de uma ruptura brusca?

Não só de ruptura, como de muita dor. Lembro que eu estava na calçada com algumas amigas e alguém falou que eu era uma moreninha muito bonita. De imediato eu corrigi a pessoa, sem nenhum pensamento prévio. A resposta saiu naturalmente de mim: - Eu não sou morena, eu sou negra. Logo todos que estavam ali vieram em uma espécie de consolação dizendo: - “Não mulher, num fala isso de tu não, tu não é negra, pelo amor de Deus, tu é bonitinha, tu é morena.” Daí percebi que ser morena era como se eu subisse um degrau na aceitação, a cor preta é como se fosse uma característica desqualificadora. Esse momento para mim foi a grande ruptura e recordação que carrego até hoje, o que não quer dizer que tenha sido o momento de engajamento político, são coisas diferentes.

E o engajamento político?

Meu engajamento político foi bem gradativo. Na escola eu já sentia a

Karla Agresilva

Racismo & Movimento Negro

Família

Aniversário do irmão Betinho em 17 de abril de 1984, ano em que tinha nascido



3X4

Primeira foto 3x4 quando tinha três anos (1987)



Gravidez

Grávida de seis meses príncipe Jorge (maio de 2009)



Tribunal de rua

Intervenção "TRIBUNAL DE RUA" durante a Marcha Mundial das Mulheres (MMM) em contestação a invisibilidade da mulher negra. (08 de março de 2014)



Copa do Mundo 2014

Manifesto dentro da manifestação contra a Copa do Mundo (FIFA): contra o genocídio do povo negro.



Pretas Simoas

Oficina sobre Mulheres Negras no Brasil, ministrada



Percursos Urbanos

Ainda enquanto militante e Membro do Grupo de Valorização Negra (GRUNEC) há cinco anos, Karla fala que seus conhecimentos sobre o Movimento Negro se dão na rua.



junto com as Pretas Simoas durante o V Artefatos da Cultura Negra (Setembro de 2014)



Caminhada pela Liberdade Religiosa

I Caminhada pela Liberdade Religiosa no município de Aurora - Ce (11 de outubro de 2014);



Intervenção fotográfica

I Intervenção fotográfica do grupo Preta Simoa contra a hipersexualização da Mulher Negra (foto de Lino Fly);



Foto 3x4 para Registro de Identidade (Agosto de 2001 X Novembro de 2014)



necessidade de me firmar como negra. Eu lembro que parei de alisar meu cabelo com 19 anos. Eu era viciada em biblioteca e para mim foi um choque descobrir que quando a Princesa Isabel, “redentora”, tinha assinado a Lei Áurea, só havia cerca de 5% da população negra escravizada. Os outros 95% já tinham conquistado a sua liberdade. Reconheci assim que a liberdade não é uma concessão e sim o efeito de uma luta. Luta essa em que o movimento negro persiste até hoje. Quando eu conheci a história do MNU (Movimento Negro Unificado), aí pronto, lacrou! Daí eu senti a necessidade de me engajar no movimento negro, mas eu não sabia onde e como fazer isso. Foi quando eu passei no curso de Filosofia na UFC e cursei uma disciplina de Sociologia com a professora Joselina da Silva. Assistir às aulas dela para mim era como se eu tivesse escutando poemas de amor, porque finalmente escutei uma mulher negra que representava uma luta que também era minha. A partir daí conheci vários autores que me fundamentaram teoricamente e eu entrei no N’BLAC (Núcleo Brasileiro Latino Americano e Caribenho de Estudos em Relações Raciais, Gêneros e Movimentos Sociais). Eu queria destinar a minha vida para militância do movimento negro. Em 2007, entrei no GRUNEC e de lá pra cá não parei. Só saí do GRUNEC agora em 2014 e hoje estou exclusivamente no grupo de mulheres negras do Cariri, Pretas Simoa, com muito orgulho e com muito amor.

Em nossa vida reproduzimos preconceitos às vezes sem nem mesmo perceber. Os que mais marcam são sempre na infância e juventude. Você recorda de momentos que vivenciou, que atualmente você percebe que foram atos preconceituosos?

Eu poderia pontuar diversos casos de

racismo que eu sofri na escola, desde os apelidos de macaca, de cabelo pixaim, rolo de fumo... Tinha até uma música que fizeram especialmente para mim, que eu não sei se eu vou conseguir cantar, porque senão eu choro, mas eu vou só contar que eram coisas do tipo “cabelo de chibata”... Para quem não sabe, cabelo de chibata são os cabelos pubianos. Eles me colocavam no meio da roda e não me deixavam sair, eu chorando e eles ficavam cantando essa música. E um de outros casos foi quando fui uma vez na casa de uma amiga fazer um trabalho em equipe. Essa minha amiga era estribada e tinha piscina na casa dela, a gente ficou doida para terminar de fazer logo o trabalho nas cartolinas para poder tomar banho na piscina. A dona da casa, a mãe dessa minha amiga, quando estava todo mundo já tirando a roupa para entrar na piscina (éramos seis amigas), chegou para mim educadamente e pediu para que eu não entrasse na piscina porque ela tinha mandado limpar um dia antes e queria que a piscina ficasse limpa porque ela iria receber pessoas na casa para tomar banho. Das seis amigas, eu fui a única que não pude entrar, porque sou negra. Isso me doeu tanto, que eu fui para casa. Cheguei chorando, a minha mãe perguntou o que era, eu não quis dizer e de tanto chorar acabei pegando no sono e dormi. Branqueamento persegue muitas de nós até hoje, é por isso que alisamos o cabelo. A gente lembra de tudo que a gente passou por causa do cabelo, a gente lembra inclusive da dor que foi afirmar nosso cabelo. Eu me lembro, não sei exatamente quantos anos eu tinha, eu devia ter por volta dos 11 ou 12 anos de idade, ainda com o cabelo alisado e há pouco tempo, de minha mãe mandar alisar meu cabelo ainda criança, eu tinha 7 anos de idade, fazia a 1ª série e feriu minha cabeça toda, meu cabelo caiu, eu fiquei com umas feridas enormes na cabe-

ça porque eu era muito criança e o produto era muito forte. Eu nunca esqueci isso, embora ainda tivesse o sonho de ter o cabelo alisado.]



Experiência do repórter

Tendo em vista a temática sobre preconceito racial ser tão complexa, nada melhor do que termos optados pela entrevista, sendo a melhor forma de dar a voz ao oprimido. Karla AgreSilva, a nossa entrevistada, se mostrou bastante disponível durante todo o percurso, o que facilitou bastante o trabalho. A concepção dessa matéria foi de grande aprendizado para mim, principalmente pelo espírito de coletividade que a fundamentou. Desde os primeiros debates sobre o foco da entrevista até a forma como as fotografias iriam compor a página, tudo foi totalmente idealizado pela equipe. Equipe esta que não se resume apenas aos estudantes do Laboratório de Imprensa, mas também da fotógrafa Élidea Gomes, do estudante de Letras Leo Pinheiro e da diagramadora Hanna Menezes, de grande importância para condução desse produto.



Verticalização da cidade causa impactos sociais e econômicos p. 3



Entrevista: Leonel Tavares “Vivemos angustiados e melancólicos em meio a fragmentação social”

Ele conviveu com as mudanças dos anos 60 e fala da arte e da solidão das pessoas no atual contexto social. p. 6

Perfil

Olímpio de Sousa: blindado pela fé em Padre Cícero e Frei Damião p. 14

Resenha

Nação Zumbi muda de estilo no novo CD e investe na cultura pop p. 8

Crônica

Nuvens brancas, asfalto negro p. 18



Calçadas: obstáculos expulsam pedestres

Os diversos obstáculos nas calçadas da cidade de Juazeiro do Norte acarretam problemas para quem se desloca a pé. p. 12



Mulheres do cordel defendem o feminismo em versos

Com o passar dos anos a literatura de cordel, assim como qualquer outro aspecto dos fluxos culturais, vem se adaptando aos novos meios e temáticas. Não poderia ser diferente com o feminismo, que já se insere nos folhetos como grito de emancipação e combate ao patriarcado e misoginia que ainda é reproduzido nas relações sociais. p. 16

Jornal

EntreLinhas

Disciplina de laboratório de Jornalismo Impresso 2014.2
Leia em jornalismo.ufca.edu.br





Mil passes para um **SONHO**

Texto **Priscila Araújo**

Um sonho alimentado por inúmeros desejos: fazer aquilo o que gosta, ajudar a família, ser bem sucedido na vida e ter o que desejar. Alimentada desde muito cedo, a vontade de ser jogador de futebol profissional e ter uma bela carreira se tornaram a saída para os muitos problemas enfrentados pelas crianças e jovens brasileiros. Na grande maioria das vezes, são incentivados por pais apaixonados pelo esporte e, que acima de tudo, acreditam na capacidade dos filhos; ou então pela insistência de uma escolinha que com poucos recursos investe para que os garotos possam jogar. Os passes trocados e as jogadas repetidas e ensaiadas são o início do caminho para uma vida cheia de regalias e fama, porém, esse sonho não é tão fácil de ser conquistado.

Hoje, muito mais do que divertimento, o futebol é um negócio milionário. O mercado movimenta milhões de dólares por ano, com a compra e troca de jogadores, com ações e investimentos com a publicidade de marcas que têm suas imagens associadas ao esporte. Esse lado luxuoso só é alcançado por uma parcela pequena da população, já que a grande maioria é excluída e padece jogando em clubes pequenos, ou nem mesmo isso.

Tendo em vista esta perspectiva, os garotos do Campo Grande, clube de base com sede em Juazeiro do Nor-

te - CE, também compactuam com essa aspiração e querem melhorar suas condições de vida entrando para a lista das possíveis novas estrelas futebolísticas. Eles sabem que esse caminho não é fácil, mas mostram que a força de vontade é muito grande.

Clube e Jogadores

O Campo Grande é um clube futebolístico de Juazeiro do Norte, fundado em 1985 e que atende atualmente as bases de garotos, sub-15, sub-17 e sub-20. Mesmo com algumas dificuldades, dá toda assistência aos jogadores: alimentação, equipamento de treino e jogo, bem como passagens de ônibus. Conta com uma equipe composta por preparador físico, de goleiro, treinador e assistentes. Para jogar pelo Campo Grande, os meninos são indicados por outros clubes ou por olheiros e daí então passam por uma triagem. Foi o que aconteceu com Paulo Roberto Cardoso de Araújo Júnior, 15 anos, que começou a treinar pelo time da Cagece, passou pelo Santa Clara (ambos de Juazeiro do Norte) e foi indicado para o Campo Grande.

Filho de pais separados, Paulo mora com sua avó paterna e divide a casa com mais cinco pessoas. Todo o dia levanta cedo para ir à escola de bicicleta, volta ao meio dia e durante as segundas, quartas e sextas, depois das 14h, treina em um campo afastado da cidade, que fica aproxi-

madamente 8 km de sua residência. “É muito cansativo, mas vale a pena o esforço”, diz ele. Como todo garoto de sua idade, gosta de ficar com os amigos e ouvir música: “gosto de forró, funk, swingueira, de brincar com meus colegas e de jogar futebol”.

O que incomoda o rapaz são as pessoas que não acreditam na sua capacidade, “tem pessoas que dizem ‘ó, você não tem a capacidade de ser jogador, não joga bem’, mas acredito em mim e sei que posso ser um grande jogador”.

O preparador físico, Cícero Marcleudo Ferreira, 44 anos, resalta que ele é um dos jogadores que possui melhor condicionamento. “Ele não pede pra sair em nenhum momento ou faz cara feia pra o que é mandado fazer”, diz. O treinador do

time confia muito no trabalho dele e no de outro zagueiro, que em todos os jogos tidos como oficiais são sempre os titulares.

Seu pai, Paulo Roberto Cardoso de Araújo, 37 anos, diferente de alguns pais de outros jogadores, dá todo o apoio e até conseguiu um teste para filho num clube maior, o Atlético Porto de Caruaru, em Pernambuco. O clube possui infraestrutura melhor, com sede própria e maior renome. Infelizmente o garoto não passou na triagem, pois segundo os avaliadores ele não possuía uma altura adequada para quem joga no ataque. Paulo não se intimidou e voltou para Juazeiro com mais garra ainda “é o meu sonho e tenho certeza que novas oportunidades vão vir”. Não é à toa que depois disso se tornou o capitão do time e

“Quero ser jogador de futebol, pois desejo dar um bom futuro pra minha família, pois eles me ajudam e me dão apoio”

Vitor Natanael



Equipe composta de garotos em busca de

durante os jogos mantém a postura e cumpre muito bem o papel que lhe foi concedido, dizendo sempre palavras de incentivo aos colegas e chamando a atenção deles quando necessário.

Paulo é de poucas palavras, como quase todo zagueiro, mas demonstra que tem toda capacidade de se tornar um jogador profissional, e se depender de seu pai, ele vai conseguir.

Já Vitor Natanael da Silva Santos, 14 anos, mora com os pais e dois irmãos. É torcedor do São Paulo e adora reggae. Tem uma paixão imensa pelo futebol, “Foi uma das melhores coisas que inventaram no mundo. Quando estou jogando parece um sonho. Deixo toda a raiva de lado e esqueço o mundo e os problemas”.

O garoto começou treinando em



Natanael Santos: “Quanto estou jogando esqueço do mundo e dos problemas”



uma escolinha pequena, hoje, joga pelo Campo Grande e há seis meses é um dos atacantes do time: “quero ser jogador de futebol, desejo dar um bom futuro pra minha família, pois eles me ajudam e me dão apoio”, diz. Tem como maior incentivador, o pai, que está presente em todos os jogos do filho. O menino fala com simplicidade e amor de seu maior ídolo, “Só existe uma pessoa que é minha inspiração: meu pai. Porque eu nunca o vi jogar, mas ele me conquistou dando três toques numa bola. Uma pessoa pode dizer ‘nossa, mas três toques numa bola é o suficiente?’ mas eu vi e conheço. Esse cara é meu pai. É meu ídolo”. Para se aperfeiçoar, Natanael usa o “não está bom” do seu mestre, “Pra ele eu sempre posso melhorar e dar mais de mim”, diz. Seu pai, Márcio Santos, foi jogador profissional, passando por times como o Guarani e o Quixadá, atuando como lateral esquerdo, mas hoje trabalha como porteiro em um condomínio.

Natan, como é chamado pelos amigos e companheiros de equipe, é um menino centrado e focado naquilo que deseja alcançar. Não tem medo de novos desafios, “As dificuldades existem, mas isso não é motivo pra você abaixar a cabeça. Você não pode usar ela como desculpa e não querer mais, pois se ela está ali é por-

que Deus sabe que a gente tem capacidade de vencê-la”. Ele também fala que já sofreu preconceitos, mas que isso não o abala: “Não ligo para isso porque é coisa de gente que quer chamar atenção. Não me abalo”. É também um dos jogadores de confiança do técnico de seu time e sempre é titular nos jogos, ressalta que “tudo que você for fazer tem que ser com pontualidade e com garra. Dar o seu melhor é fundamental”.

Ele também se posiciona a favor do futebol feminino, “as garotas jogam também, mas diferente de nós, elas têm poucas chances. As pessoas deviam entender que esporte, o futebol, é para todos, não importa cor, raça ou sexo. Se entendessem isso com certeza haveria espaço para todo mundo”. Sobre a sua carreira, espera que seu sonho se realize, e mostra que já está no caminho certo.

No ano de 2014, Paulo e Natan disputaram junto com os demais companheiros de equipe um campeonato sub-15 organizado pelo Seu Tite, presidente da liga que já tem mais de 65 anos de fundação. Tite ressalta a falta de investimento da secretaria de Esporte de Juazeiro já que a categoria principal conta com 12 times filiados, 6 da categoria de acesso e as de base com equipes de Crato, Juazeiro, Barbalha e Missão



Garotos do Campo Grande treinam quase diariamente

Velha, “As equipes que participam são as maiores patrocinadoras. Recebemos também apoio do governo municipal do Crato e da Federação Cearense, da qual somos filiados. Não há investimento por parte da secretaria de esportes de Juazeiro, e prejudica porque pelo nosso calendário anual é pra ter 12 competições. Estamos promovendo apenas 7, por falta de recursos. As premiações do campeonato sub-18 desse ano vieram de doações de instituição privada. Só continuo com porque gosto do futebol. Estou com 60 anos e desses, 40 anos só de liga”.

O glamour do futebol ostentado por alguns jogadores não alcança as categorias de base. Os meninos têm que se esforçar muito para que um dia possam se tornar profissionais reconhecidos. O vice-presidente do Campo Grande, Yuri Naasson Caetano, revela que ser bom na base é fundamental para não ser excluído, “esses meninos estão tendo uma oportunidade que é um pouco melhor do que as de outros. Ser bom jogador define a carreira deles”. Vários são eliminados por esse sistema e seus sonhos de mudança de vida ficam só na lembrança. Os carrões, a vida de luxo tornam-se apenas metáforas.

É fato que em um território de matamata, como é o futebol, também é necessário um pouco de sorte e principalmente de fé, e Paulo e Natan têm de sobra. Os dois terminam suas entrevistas dizendo “Deus no comando”, porém nada foi combinado entre ambos. Só mais um passe entre jogadores e sonhadores que deu certo. Quem sabe um dia possam trocar passes em campos melhores.]



É o meu sonho e tenho certeza que novas oportunidades vão surgir

“Hoje, muito mais do que divertimento, o futebol é um negócio milionário. O mercado movimenta milhões de dólares por ano, com a compra e troca de jogadores”



Experiência da repórter

Um ambiente que para algumas mulheres não é muito atrativo, mas para minha pessoa que troca novelas e filmes por uma boa partida é magnífico. Fazer uma matéria sobre futebol foi algo que me trouxe muito prazer. Unir duas coisas que gosto, de certa maneira, me fez acreditar mais naquilo que almejo. As experiências vivenciadas durante a construção da reportagem engrandeceram ainda mais minha pequena caminhada no jornalismo esportivo. As novas amizades, como a do seu Tite, e o amor surgido por mais um time foram o bônus que ganhei com essa vivência.



Primeiro a lombra, depois a LARICA

Texto **Antônio Lima Júnior**

A banda Algarobas foi formada em fevereiro deste ano e começa a carreira construindo sua própria identidade musical, buscando um cenário alternativo na região do Cariri.

No primeiro show, realizado no palco da URCA durante a Expocrato, muita tensão nos bastidores. Com um litro de Black & White, Daniel Batata esperava a hora de subir ao palco com os demais companheiros da banda. Batata conta que o nome da banda é devido à gíria popular associada ao nome da planta algarobas, que significa algo que não serve pra nada, algo “de algarobas”, que gerou outra gíria, “de agá”.

Logo na primeira música, amplificador ruim, muito barulho, chiado e microfonia, ao som de letras como “Bate a Lombra”, composta por Batata, em parceria com Lupeu Lacerda: “bate a lombra, bate a larica/de pão torrado com margarina/maconha cheirosa desbravando bandeiras”, marcando o som descontraído da banda.

Ainda em janeiro desse ano, Batata e Mineiro (Luiz Prado) conversaram sobre a ideia de lançar uma banda autoral. Os dois já haviam tentado algo semelhante em 2012, com uma banda de rock instrumental, que durou pouquíssimo tempo, apenas dois meses, tempo insuficiente até para pensarem no nome.

Os dois convidaram então os

demais integrantes para o projeto que formaria a banda Algarobas: Isaac Linhares, baterista e colega de Luiz no curso de música da Universidade Federal do Cariri; Ravena Monte, baixista, “cansada de ser coveira”, tocava em covers e gostou do projeto; Ramón Kesllen, vocalista da banda.

Juntos, os cinco passaram a ensaiar constantemente, até o primeiro show, em julho, durante o Palco Sonoro da URCA (Universidade Regional do Cariri), que ocorre em paralelo à Expocrato. Descontraído, Mineiro conta que no primeiro show “o nervosismo foi maior por conta de ser a primeira apresentação da banda depois de quatro meses formando um repertório”, além do fato da banda receber um equipamento de palco péssimo para tocar.

Rock made in Olodum

Transitando entre o noise, o punk, grunge, post rock, e também muito ligados ao cinema e à poesia, com a inserção do spoken word durante os shows, a banda não tem pretensão de fazer um som inovador, mas busca criar uma identidade para si. “Pink Floyd é do tempo que as pessoas tinham tempo pra ouvir música”, comenta Batata, demarcando suas influências na banda e criticando as músicas atuais, que evitam uma duração maior.

Com muito humor e irreverência, a banda já chegou a dizer pu-

“Durante o ensaio, muita conversa e histórias. Batata relembra seus tempos de cover em bandas de forró, quando chegava a tocar a mesma música várias vezes no show”



A banda surge com uma proposta descontraída no cenário musical do sertão cearense

blicamente que tem influência da “swingueira da bahia”. A ironia traz uma liberdade ao som da banda, que transpassa o tradicional no rock, inserindo instrumentos como o clarinete e kaoscilator, um sintetizador acionado com touchpad. Na música “Se Amanhã”, a letra mostra o caráter despretenso que os músicos carregam no projeto: “Se amanhã estiver tudo chat / Eu te mando um e-mail”.

Ensaiam sempre nas segundas, no estúdio Yellow Submarine, do proprietário e Dudé Casado, músico renomado do Cariri e ex-integrante da banda Dr Raiz. Naquela segunda-feira resolveram ensaiar na casa de Mineiro uma nova música, “Me Rio”, com uma letra que resgata elementos do sertão, citando o Rio São Francisco e outros afluentes da região. Durante o ensaio, muita discussão sobre a dificuldade de marcar shows, visto que os donos de bares e casas de show costumam cobrar cachê baixo e não investem em bandas autorais, prin-

cipalmente com um estilo diferente. Para a banda, acabam se contentando com o lucro da bilheteria ou bebida liberada aos integrantes.

Bebendo Ypioca Ouro, Mineiro e Batata ensaiam tocando violão. Os dois, sem camisa, discutem as notas e se divertem, enquanto Ravena toca baixo, sentada no sofá, e Isaac na percussão. Ramon canta às vezes interrompido pelos acordes trocados entre os guitarristas. A casa de Mineiro, conhecida por “barbahouse”, localizada no bairro Salesiano, é dividida com mais dois amigos, que também tocam em outras bandas: Rafael Gomes e Eduardo Alves, integrantes do Mutucando, banda de bossa nova instrumental, em parceria com Junior Casado, irmão de Dudé e ex-Dr Raiz. Rafael também é professor de cálculo e Eduardo é colega recém-formado do curso de música da UFCA.

Natural de Belo Horizonte, Luiz veio cursar música na Federal do Cariri, quando o campus ainda não

havia se desmembrado da Universidade Federal do Ceará. No começo, chegou a morar em pensionato de romeiro até alugar a casa e dividir com os amigos.

De noite no sertão

Batata, velho de guerra no cenário musical do Cariri, também faz discotecagens nas horas vagas. Tocando em botecos, acaba saindo com lucro zero, pois desconta o cachê nas bebidas liberadas durante a discotecagem e volta sozinho pra casa, liso, bêbado e com os instrumentos na mão. Antes, participou de bandas hardcore como Chemical Death e Traumatismo Craniano; na última, lançou um demo intitulado Romeiros Cry, fazendo uma referência à capa do disco Angels Cry da famosa banda brasileira Angra, com um Padre Cícero no lugar do anjo original. Entre as faixas, músicas pesadas e irreverentes, como “Vontade de cagar” e “Matando ro-

meiros”. Produziram cerca de cem cópias, todas com a arte feita à mão.

Durante o ensaio, muita conversa e histórias. Batata relembra seus tempos de cover em bandas de forró, quando chegava a tocar a mesma música várias vezes nos shows, a pedido dos espectadores. “Toquei pé-de-serra durante um ano, todas às quintas. Certa vez um cara chegou no palco e botou cinquenta conto pra tocar Coração.” Irritado, falou ao companheiro de banda: “Se tocar eu saio. Deixa aí. Se ele vier buscar o dinheiro, beleza. Se não, foi boa.” Não tocaram a música, e o dinheiro continuou lá. “O cara tava tão bêbado que nem ligou”, comenta.

Cenário independente

Sempre à frente dos projetos que participa, boa parte das músicas é de sua autoria. As instrumentais são de Mineiro, mas atualmente ensaiam novas canções compostas por Isaac e Ramon. Poeta e cineasta, Batata participa do cenário literário da região, no Roteiro Poético-Boêmio e na mais recente antologia de poetas do Cariri, Laboratório do Caos. Recentemente lançou o curta-metragem *Acorda*, filmado em Juazeiro e exibido na I Mostra de Curtas Cearenses da Mostra UFCA.

Atleticano, Luiz Prado assiste ao primeiro jogo da semifinal da Copa

do Brasil no Nossa Casa, bar localizado no centro de Juazeiro, junto com os amigos Eduardo, flamenguista, e Batata, botafoguense, mas que “hoje é galo”. Entre os lances, Luiz, Batata e outro colega, Lituan Sansara, baterista da banda Águas em Marte, discutiam sobre a viabilidade de organizar um festival de bandas autorais na região, o Lunar. No dia seguinte, Luiz e Lituan foram ao Teatro Marquise, em Juazeiro, para conseguir o espaço do festival.

Um mês depois, no fim de novembro, Algarobas abriu o festival, que além da banda Águas em Marte, também tocaram Zaubar e Dudé Casado. Com o preço acessível, de ape-

nas dez reais, o público ultrapassou a marca de 150 pagantes, que apesar de ser um número relativamente pequeno para grandes concertos de rock, foi importante para iniciar a vanguarda que o evento proporciona, enquanto bandeira do cenário de bandas independentes do Cariri.

Antes do Lunar, o show mais recente da banda aconteceu no Raul Rock Bar, em 20 de outubro, quando o bar ainda estava recém-inaugurado. “O show na festa sérvia foi cancelado, aí surgiu essa oportunidade de tocar pela primeira vez em um bar voltado para uma música mais alternativa”, conta Mineiro, logo após uma tentativa frustrada de tocarem



Arquivo da banda

“Com muito humor e irreverência, a banda já chegou a dizer publicamente que tem influência da “swingueira da bahia”. A ironia traz uma liberdade ao som do grupo”

Show durante o Música nas Férias, no SESC Crato



Apresentação no Rock Cordel do Centro Cultural Banco do Nordeste

na Festa Sérvia, que foi cancelada minutos antes de começar, pela polícia, alegando falta de alvará para funcionamento da festa.

Apesar de muitas bandas autorais de boa qualidade, a maior dificuldade na região é encontrar viabilidade para propagar o som. A banda não encontra facilidade de marcar shows no mercado de covers e discotecagens. Ramón e Batata fazem discotecagens nas horas vagas, enquanto Isaac toca numa banda de forró.

Entretanto, o feedback da banda tem sido bastante positivo. “Sempre tem gente perguntando quando vão ser as próximas apresentações” confirma Luiz. Com setecentas curtidas, a página oficial no facebook recebe mensagens dos amigos mais próximos, que admiram o trabalho, recebendo sempre comentários descontraídos, fazendo jus aos meninos de agá. Irreverentes, eles seguem tocando sua música nos cantos de Juazeiro, na romaria sem fim daqueles que buscam envergar no rock autoral.]

“A maior dificuldade é encontrar viabilidade para propagar o som. Mesmo assim eles seguem tocando rock nos cantos de Juazeiro”



Experiência do repórter

Escolhi a Algarobas como pauta por gostar de trabalhar com jornalismo cultural. Conheci seus membros e vi de perto como é difícil trabalhar com música autoral no Cariri. Desde o começo do curso venho me aperfeiçoando na perspectiva de trabalhar com o jornalismo gonzo. Me aproximei dos camaradas que compõe a banda, vivendo com eles no dia a dia, na rotina e na boemia. Fui protagonista juntamente com a banda de alguns fatos relatados nessa reportagem. Nos bares, ensaios e apresentações. Esse tipo de jornalismo me deixa muito feliz, por ver que ainda é possível fazer um trabalho de qualidade. Até a próxima e boa leitura!



Daniel Batata

Guitarrista há dez anos, autodidata, Batata já é velho de guerra no cenário da região, iniciando na banda Fuzô, cujo nome, segundo ele, veio da bateria fusion, por falta de inspiração na hora. Tocou também nas bandas Traumatismo Craniano, Chemical Death e Dr Raiz. Além da guitarra, ele contribui com os sintetizadores e as letras das canções. Suas maiores influências para a banda estão em Tom Zé e Pink Floyd.



Luiz Prado

Mineiro, natural de Belo Horizonte, tocou sempre em bandas autorais, seja no grunge do The Cottom Buds ou no rock alternativo da Doravante. Guitarrista, Luiz veio para o sertão cearense cursar música na Universidade Federal do Cariri. As influências musicais que traz para a Algarobas vem do rock progressivo do Pink Floyd ao noise rock do Nirvana.



Ravena Monte

Baixista desde 2006 começou na banda punk Bad Flanders, em seguida na Godivas, banda cover composta apenas por mulheres. “Cansada de ser coveira”, Ravena resolveu entrar no projeto Algarobas, convidada por Batata. Influenciada por bandas alternativas e instrumentais, está sempre pesquisando por novas bandas no site Trama Virtual. Declara sua influência musical em Aquiles Salles, músico da região.



Ramón Kesllen

Vocalista da Algarobas integrou antes a Fábulas Escondidas do Norte, em meados de 2000. Gosta de rock progressivo e psicodélico, mas atualmente pesquisa muito sobre bandas de rap e hip hop. Tem como influência King Crimson, Tom Zé e Clube da Esquina. Além da banda, Ramón faz discotecagens em festas alternativas.



Isaac Linhares

Cursando licenciatura de música da UFCA, no oitavo semestre, Isaac é baterista há sete anos, tocando em bandas de forró pé-de-serra e outras como Zeremita e Nu Verse. Atualmente, além da Algarobas, toca também na Social Show. Tem como referências musicais The Doors, B B King e Pink Floyd.



Lata de spray na mão, uma ideia na CABEÇA

Texto e Fotos **Damião Teles**

*“Antes nós éramos
chamados de vândalos,
hoje nós somos
chamados de artistas”*

Duplex

O grafite é um estilo de desenho que foi desenvolvido a partir das pichações políticas da década de 1960, que ganhou coloridos exuberantes, formas e expressões. Ainda com um grande contexto político e social o grafite vem ganhando a cada dia mais adeptos. Considerado um dos elementos da cultura hip-hop, hoje é reconhecido como arte urbana ou street art. Atualmente é muito comum ver nos muros da cidade desenhos colorido com representações diversas, muitas vezes nomes emaranhados que não conseguimos entender, mas para os que fazem o movimento é uma expressão clara de arte, que representa a imaginação do artista.

Juazeiro do Norte é uma cidade que vem desempenhando um papel muito importante na região do Cariri no que diz respeito ao movimento hip-hop. Com um grande número de adeptos a esse movimento, que surgiu na década de 1980 nos EUA. Muitos grupos se destacaram nos últimos eventos que aconteceram em vários locais da cidade e da região como: os “sextas negras” evento de hip-hop que acontece no Ginásio Poliesportivo em Juazeiro, com apresentações dos 4 elementos, a dança (break), o DJ, a música (rap) e o grafite. Lá ocorre “a batalha dos grupos”, onde eles “se enfrentam” utilizando os 4 elementos para combaterem en-

tre si. Esses eventos já ocorreram no teatro Marquise Branca e no SESC.

Dentro dos 4 elementos que compõem a cultura ou o movimento hip-hop, o grafite se destaca como expressão visual. Os muros de Juazeiro do Norte mostram como esses desenhos vêm ocupando cada vez mais espaços, sejam em muros de escolas, prédios ou casas abandonadas. O colorido dá vida ao concreto. Nomes como Frank, Dema, Saulo, Magnum e Duplex já são conhecidos por seus grafites, não só na cidade de Juazeiro do Norte, mas em vários outros municípios, onde estes artistas desenvolveram trabalhos. O grafite apesar de ter surgido da pichação é bastante diferente. Tem suas características de manifestação artística e ainda representa um modo de contestação para as mazelas do cotidiano e de denúncia para com o estado e os políticos na questão social. Vem trazendo essas expressões em forma de arte.

O grafite é um elemento, uma arte, um movimento. É a imperfeição dentro da perfeição ou a perfeição dentro da imperfeição. É como ver uma tela surrealista pintada em um muro qualquer. Não tem como passar despercebido diante de um mural grafitado, muitos veem, poucos entendem, mas todos contemplam, porque a arte é contagiante e dá vida ao concreto, torna paisagem o que antes era só um lugar. Esse tipo de

intervenção dá visibilidade a pessoas excluídas do contexto social imposto e dos meios midiáticos hegemônicos. Vez por outra a mídia abre pequenos espaços para mostrar a arte que vem das ruas. São os 15 minutos de fama. Mas o grafite não é fama, não é moda, não é comércio. É atitude, é perseverança, é gosto, é prazer, é paixão.

Essa linguagem das ruas ecoa nos quatro cantos do mundo, e nos quatro cantos de Juazeiro, do Horto ao João Cabral, do Frei Damião a Vila São Francisco. Uma latinha de spray na mão e uma ideia na cabeça. Os grafiteiros ou interventores urbanos mostram suas artes performáticas nos mais diferentes lugares, do chão ao teto, tudo vira tela. Instigados pelo som do rap, mais um dos elementos da cultura hip-hop, os grafiteiros deixam sua marca registrada por onde passam. Esse comportamento é inerente às tribos urbanas, característicos dos grandes centros e da contemporaneidade.

Discriminação

No entanto, no que diz respeito ao incentivo da prática, ainda há muita discriminação, por parte das autoridades e de outros agentes da sociedade, por se tratar de um movimento diferente e contestatório. O estilo dos grafiteiros ainda causa estranhamento por parte de muitas pessoas que não conseguem compreender o desenvolvimento urbano e tecnológico que surge da modernidade. Pessoas e entidades como a Zulu Nation, Afrika Bambaataa, Grandmaster Flash, Jean-Michel Basquiat, sempre são lembrados quando se fala em movimento hip-hop. No que se refere ao grafite, que pertence a esse movimento, podemos citar como referências: os gêmeos, Binho e Kobra. Grafiteiros que se destacam no Brasil e a nível internacional.

Em Juazeiro do Norte a cena do grafite também é notória. Entre outros, três nomes se destacam no grafite Juazeirense, com suas obras espalhadas

pela cidade, Frank de Sousa, Saulo José e José Paulo (Duplex). Eles relatam suas histórias e vivências.

Frank — Faço grafite desde guri. Primeiro comecei na pichação, depois veio o grafite. A pichação foi uma parte rebelde da minha vida. Eu comecei em São Paulo, minhas influências foram os gêmeos, Daim e Binho que estão entre os melhores do mundo. O grafite é mais um hobby, é mais por diversão, por gostar. Em Juazeiro já tinha o Dema, Gledson e Magnum, os caras que eu conhecia. Mas Juazeiro nunca foi um foco de grafiteiros. Quando vim pra cá entre 2000 e 2001, comecei a pintar bastante na rua, até então a cena daqui era fraca, era mais o lance do b.boy, dessa parte do hip-hop, mas sem o grafite.

Ele relata também como desenvolveu o seu estilo de grafite, o começou em Juazeiro do Norte e quais foram suas influências:

— O realismo em 3D é o que faço mais. A pegada é fazer fotogra-





O estilo realista é a marca dos grafites de Frank

fias, eu me identifico. Comecei com o wild style, estilo de letra emaranhado. Conheço muitos grafiteiros que desde quando comecei, fazem o mesmo estilo. Comecei nas letras, parei, mas ainda faço. Hoje meu foco é fotografia, porque chama mais atenção e me sinto mais à vontade pra fazer personagens. Sempre tive meu estilo de fazer fotografias e letras. Minhas influências são de artistas em nível nacional e internacional, mas foi aqui em Juazeiro onde desenvolvi a minha cena de grafite e comecei a crescer. Até então em São Paulo era mais pichação, lá tinha artistas que me inspiravam, mas não tive um desenvolvimento como aqui.

Ainda sobre o cenário do grafite, Frank é enfático ao falar das técnicas utilizadas para grafitar e outras formas de grafite da qual ele não considera como “a arte do grafite”.

— Não tem grafiteiro aqui, infelizmente. É uma cidade grande, mas o único cara que pinta, que faz grafite mesmo sou eu. Por ser original, usar spray, e tal. Os caras aqui pintam com

compressor, não é uma cena de grafite como nas capitais, é por isso que não pinto muito, porque não tem com quem pintar, meu trabalho acaba sendo limitado. Faço dois ou três grafites por ano, porque é muito chato pintar só. Pintar com compressor é só trabalho comercial. Às vezes o trabalho pode ser comercial, mas é direcionado ao grafite, porque usa as técnicas de rua, com spray, porque a pegada é outra, tipo aprendeu na rua, não tem ninguém pra lhe ensinar. Já trabalhei com compressor, mas para fazer trabalhos comerciais, portões de lojas fachadas essas coisas, mas no grafite mesmo a essência é o spray.

Ele conta como foi na época de pichador e como se deu essa passagem para o grafite, depois de se envolver com a polícia e o encontro com os gêmeos.

— Na pichação comecei em São Paulo, e não fui muito longe, por ter levado muita porrada da polícia, meu pai era muito rígido, mas isso fazia com que eu ficasse com mais vontade de ir para rua fazer alguma



Frank, 30 anos, pernambucano, conheceu o grafite em São Paulo há mais ou menos 16 anos. Mas foi em Juazeiro do Norte que desenvolveu suas técnicas e seu estilo de grafitar. Além do grafite, trabalha com tatuagens. É um dos artes mais considerados da cidade. Frank nos conta como tudo começou e quais foram suas influências no mundo do grafiti.



Antiga estação do bairro Franciscanos: liberdade para criar

rebeldia. Até que um dia fui pego fazendo pichação, aí não foi bom, praticamente tomei um banho de tinta, desde então deixei quieto, comecei a fazer pinturas com lápis. Até que um dia encontrei o Cambuci, que é um bairro de São Paulo onde passei a frequentar. Sempre achei muito foda os grafites dos gêmeos, antigamente os caras mandavam bem, hoje também, no entanto gosto mais dos de antigamente. Via eles andando com os gringos, e eu acompanhava os painéis. Foi daí que comecei a ter vontade de fazer grafite, como já desenhava nas folhinhas, ficou mais fácil. Mas a influência mesmo foi em 1998/99, quando os caras estavam no auge, altos painéis foda em São Paulo, eu matava aula pra ir ver, passava a manhã toda andando em São Paulo só pra ver os grafites.

Adrenalina

Ainda sobre a pichação: - Pichação é um modo dos caras se expressarem, é uma arte. Pra uns é errado porque “destrói” o patrimônio, só que o governo destrói mais do que a própria pichação. Por exemplo, se você não tem como reclamar, você picha um local público, por isso acho a cena da pichação muito foda, só quem faz é quem tem sangue no olho, pichação não é pra qualquer um. Quando viajo para outros lugares ainda picho, é viciante, é uma adrenalina inexplicável, tá ligado? A sensação de correr o risco pra fazer uma pichação, ver seu nome ali, e quando você passa no outro dia e a galera comenta, é bacana demais.

Frank fala sobre o respeito que tem dentro do movimento, a emoção de fazer desenhos com grafiteiros de

renome internacional e o prazer de estar fazendo o que gosta:

— Já pinte com alguns dos caras que eram minhas influências, tipo Binho, que é um dos mais velhos do grafite no Brasil e grafita até hoje, o cara é brother pra caramba, quando era guri nunca imaginava que ia pintar um dia com ele. Ele sempre me respeitou independente de eu ser mais novo no grafite, como outros grafiteiros também. Já pinte em vários lugares do Brasil e isso é bom. Faço o que gosto, amo o grafite, amo a tatuagem. Fora minha filha, são as coisas que mais gosto de fazer, não tem dinheiro que pague a sensação de ver uma produção sua.

Com relação aos problemas que a cena do grafite enfrenta em Juazeiro do Norte, a questão da mídia e a relação do grafite com a

arte. Ele comenta:

— O grafite virou moda, a molecada tem acesso fácil a todo material relacionado ao grafite, hoje tem tudo mastigado. Antigamente, os grafiteiros juntavam dois tubos para fazerem uma cor diferente, era uma parada mais trash. Qualquer um compra spray e diz que é grafiteiro. Televisão, roupas, marcas internacionais, hoje tudo tem grafite. A mídia influenciou muito, ajudou, mas estragou, estragou mais do que ajudou. Todo mundo quer fazer grafite. Pensa que é igual tatuagem, todo mundo quer ser tatuador. Na arte a diferença entre o artista que faz uma tela é só o pincel, se você pegar um artista que pinta com pincel ele não consegue fazer com spray. Não é pra qualquer um, grafite é foda velho, se não gostar, não rola. Às vezes tem um planejamento, às vezes vai o que dá na cabeça. Se estiver com raiva faz alguma coisa direcionada ao governo,

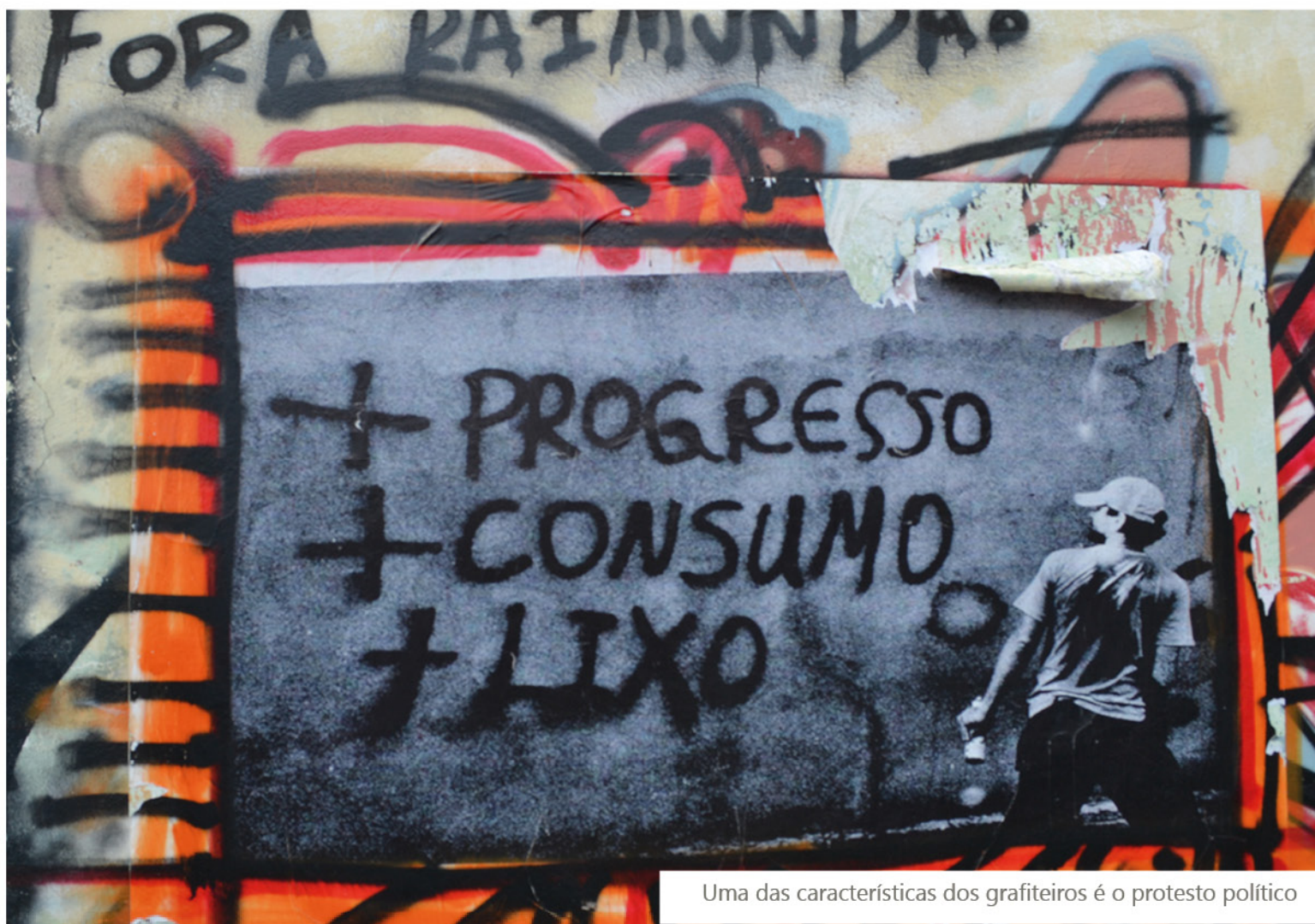
sempre vai haver painéis de protesto.

As mudanças de comportamento, a falta de incentivo do poder público e o relacionamento do grafite com o hip-hop e com o rock in roll.

— Depois que passei a grafitar, sou outra pessoa. O grafite é tudo pra mim, já passei parte de minha juventude ganhando grana com o grafite, me sustentou antes da tatuagem, e outra coisa, a falta de incentivo é um problema. Não há nenhum incentivo do setor público, quando procuram, quer que façamos alguma coisa de graça. Quanto ao hip-hop, nunca achei que o grafite fazia parte dos quatro elementos do hip-hop. O grafite também é muito voltado para o rock in roll, particularmente não vejo o grafite ligado só ao hip-hop. Mas você faz a junção do jeito que quiser e achar melhor, eu só curto rock in roll, não sou do hip-hop, mas respeito. Mas acho que não é uma parte direta dos quatro elementos do hip-hop.



Saulo Superação, 36 anos, é um dos principais nomes do grafiti Juazeirense. Seu primeiro contato com o grafiti foi em 2002, mas só começou a grafitar em 2004. É coordenador do Movimento de Cultura de Rua – MORC. Teve muita influência dos grafiteiros locais e cita Dema como uma de suas referências no grafiti Juazeirense, ele conta como foi que iniciou no grafiti.



Uma das características dos grafiteiros é o protesto político

Saulo: — Faço parte do movimento hip-hop e faço um pouco de cada seguimento, hoje eu canto, sou DJ, produzo e faço grafite. Mas o grafite não é minha área principal dentro do hip-hop, que é a música e a produção musical. Primeiro me espelhei em quem estava mais próximo, no caso Dema, um dos melhores grafiteiros de Juazeiro, pelo fato de criar suas próprias obras. Já com relação ao cenário nacional, os gêmeos, Kobra e Binho que é representante da crew terceiro mundo. A maioria dos grafiteiros desenvolvem estilos próprios e começam a partir das pichações, desenvolvem as técnicas e passam a fazer um trabalho

mais artístico. O estilo mais usado é o realismo, a galera tenta fazer um grafite mais próximo do real, como fotos. Eu não consegui desenvolver um estilo próprio, pelo fato de o grafite não ser o elemento principal pra mim na cultura de rua. Onde eu consegui desenvolver um estilo foi na música. Quanto à pichação, todo grafiteiro tem essa fase de fazer seus piches na cidade, deixar sua marca. Tem a questão da adrenalina, eu também passei por essa fase, no meu tempo de pichador eu pichava MFO, significa multifunção, porque sempre defendi a ideia de se você está no movimento, você pode fazer mais de um elemento do hip-hop, não se

limitar. Tanto o grafite como a pichação, os dois são formas de expressão, onde o artista expõe seus pensamentos. Grande parte dos grafiteiros veio da pichação, sem esquecer a questão da reivindicação, da parte ideológica. Mesmo fazendo uma coisa mais colorida, continuaram passando as mensagens, reivindicando.

Com relação à arte - Como as grandes telas dos pintores, o grafite segue a mesma linha, só que com ferramentas diferentes, e são tempos diferentes. Hoje os grafiteiros desenvolveram essa técnica de trabalho com o spray e faz a coisa mais próxima das grandes telas, um estilo que foi desenvolvido em prol de



Mural desenhado pelo artista Duplex; Felipão e o sonho do hexa



O grafiteiro Duplex cria painel: máscara e óculos de proteção



Duplex como é conhecido no mundo do grafite é o pseudônimo de José Paulo. O apelido é por conta dos seus 1,80m de altura. Conheceu o grafite através do movimento hip-hop. Pintava desde os 13 anos, fazendo letreiros. Adotou o grafite como elemento artístico por se identificar com as artes plásticas. Ele trabalha também com tela, com escultura e está se envolvendo com o mundo do cosplay.

criar uma arte. Parte dos grafiteiros começou nas reivindicações, na parte ideológica, hoje com o apoio da grande mídia, o grafite vem passando uma coisa mais de moda mesmo, já tem até exposições de grafite, em museus e tal, era uma coisa que ninguém imaginava, mas não que seja ruim, pelo contrario, é uma profissionalização, que eles estão fazendo por merecer. Você deixa sua mensagem no muro, para que as pessoas vejam, é como se fosse uma tela ao ar livre.

O grafite proporcionou mudanças na vida de Saulo, deu-lhe força. Mesmo com as dificuldades que o movimento passa, ele se superou e continua firme, como conta.

— O movimento me fez ser mais racional, pensar mais a respeito da sociedade, de minha vida e tomar postura diante disso. Conheci o rap, foi o primeiro elemento que conheci, isso me deu uma grande força para superar minhas dificuldades e limitações, fui dependente químico, e foi o

rap que me ajudou muito, no sentido de me fortalecer e encarar a vida de frente, sem se esconder. Quando surgem problemas, pelo fato de você não conseguir se manter com o grafite. Grande parte dos artistas têm que trabalhar e deixam um pouco de lado a questão da arte, da cultura de rua. Mesmo assim muita coisa melhorou, o grafite vem cada vez mais se aperfeiçoando com novas técnicas. O padrão do grafite é o spray, a gente desenvolveu outras habilidades, trabalhar com o compressor, que é uma coisa totalmente comercial, mas que também faz a coisa bem artística.

Duplex: — Meu primeiro contato com o grafite foi assim: eu via os caras pintando aí eu só saía de lá quando terminavam, ficava admirando, ali você “viaja” na arte. Comecei na tora, era menor de idade, quando pedi para meu pai comprar umas latas de spray, ele pensou que era para fazer vandalismo, expliquei pra ele que era grafite, era totalmente dife-

rente. Ele comprou umas latas aí eu meti o aço, pintei um muro em frente a minha casa, que depois foi apagado porque eu não tinha pedido autorização ao dono e por mais bonito que tenha ficado o cara apagou, ficou como lição, pedir permissão antes de grafitar.

Duplex conta suas referências no grafite, como desenvolveu seu estilo e ainda lembra de como passou pela experiência da pichação.

— Me inspiro muito no Yuri Mariano de Recife, Moska de São Paulo, aqui em Juazeiro todos os grafiteiros se garantem, cada grafiteiro tem suas técnicas. Por exemplo, tem o Frank, o Fabiano, o Magnum, cada um tem seu estilo, não tem como confundir o grafite de um com o do outro. Eu considero como um dos melhores o Frank e tem o Dema também, um dos primeiros daqui de Juazeiro. Eu comecei em 1997/98, e ele já fazia uns desenhos. Já o estilo, gosto do free style, me identifico, porque pos-



O grafite retrata temas como a violência urbana

so usar o abstrato, o realismo, me dá liberdade para botar na parede o que estou pensando, o que estou sentindo, o throw up, wild style e 3D. Penso que pichação é uma forma de liberdade de expressão, de protesto, às vezes extrapola passa da forma de arte para vandalismo. Admiro, já fui pichador, já arregacei aqui em Juazeiro. Hoje eu não picho. Ainda confundem muito o grafite com a pichação, ainda existe muita ignorância.

Ele relata o grafite como arte, como trabalho e como diversão. A criatividade e a liberdade que o grafite proporciona.

— O grafite é uma arte urbana, que não precisa de galeria, não foi feito para estar fechado em galerias, é uma arte que todos podem admirar. Cada um tem uma forma de admiração, muitos nem entendem, como em um quadro abstrato, você não entende tem que perguntar ou interpretar do teu jeito. Como trabalho, o grafite

é o meu ganha pão, é o que eu gosto de fazer na vida, é tudo pra mim. Mas hoje as dificuldades são muitas porque não é valorizado, ninguém tá disposto a pagar o valor do trabalho, a qualidade e a criatividade do artista. O grafite está muito comercial, as pessoas te contratam, mas não aceitam criar um trabalho, preferem uma cópia, uma reprodução, por não entenderem o grafite como arte. Hoje está melhor na questão da discriminação, que antes nós éramos chamados de vândalos independentemente de ser grafiteiro ou pichador, hoje nós somos chamados de artistas.

Sobre a fragmentação e individualização dos elementos do hip-hop, Duplex nos dá sua opinião.

— Hoje em dia é muito afastado um grafiteiro do outro, cada um segue individualmente, está difícil até me identificar com os caras. Mas independentemente de estar separado ou não, está tudo junto, não tem

como funcionar se estiver separado, porque onde tem um MC vai ter um DJ, onde tem um DJ vai ter um b.boy e onde vai ter um b.boy vai ter um cara grafitando, mandando ver, por mais separado que estejam. Eles estão se especializando em cada área, por exemplo, tem o Edinho que é DJ, o Baiano que é b.boy, Magnum que faz grafite e assim por diante, porque para ficar tudo junto e entender de tudo é praticamente impossível.]

“O grafite é um elemento, uma arte, um movimento. É a imperfeição dentro da perfeição ou a perfeição dentro da imperfeição. É como ver uma tela surrealista pintada em um muro qualquer.”



Latas de spray formam o mapa do Brasil



Muitos grafiteiros expõem a violência como forma de protesto político



Experiência do repórter

Eu conheci a galera do grafite através do skate. Sou skatista. Minha relação com skate e o hip-hop é muito intrínseca. Por isso foi muito fácil conversar com eles e muito massa entrevistá-los e reviver alguns momentos. Os agentes dessas duas tribos urbanas se dão muito bem. Estão sempre se cruzando no “meio do mundo”. É uma galera que está sempre junto. Entrevistei todos eles, que relataram suas experiências de vida, de artistas de rua. Fui pichador também. Isso facilitou o diálogo que mantive com meus amigos na coleta de informações para a matéria. Espero com essa reportagem contribuir com a divulgação da importante arte do grafiti em Juazeiro.



A resistente vida de **VAQUEIRO**

Texto e Fotos **Jucelino Pereira**



Vestido dos pés à cabeça com roupas de couro, o vaqueiro foi sempre um personagem respeitado no Nordeste e, principalmente, no Ceará. O vaqueiro se tornou um dos símbolos do sertão. Seu desafio diário consiste na corrida atrás do rebanho - conduzindo através de veredas ora para o curral, ora para a pastagem ou apenas para saciar a sede dos rebanhos no sertão, quase sempre, de pouca água. Um cachorro é o fiel companheiro do vaqueiro, ajudando-o na condução do rebanho.

Sertão sem fim. De perder de vista. O vaqueiro contribuiu de forma decisiva para a colonização do interior nordestino, especialmente do Ceará, durante o chamado ciclo do couro.

Gibão, chapéu, luvas, perneiras e botas. Tudo de couro. Indumentária protetora dos atalhos da caatinga, atalhos muitas vezes perigosos, cheios de espinhos. No sertão sempre é sol do meio dia. Vestimenta resistente. Extensão do homem e seu ofício. Seu terno de couro.

Expedito Gonçalves da Silva (Seu Teca), 71 anos, tem mais de sessenta anos de experiência como vaqueiro. Hoje já aposentado, ele explica o porquê escolher ser vaqueiro na vida: “Eu já nasci no ramo. Meu pai também era vaqueiro e eu nunca quis outra coisa. Pra mim, ser vaqueiro era o esporte da gente. Chegava uma pessoa e me perguntava se eu preferia ser padre ou doutor. E eu dizia logo: prefiro ser vaqueiro. Eu tinha prazer em ser vaqueiro. Lá onde eu morava, no município de Saboeiro, todo mundo queria ser vaqueiro. A gente ia pra feira da cidade e dentro do mercado ficava vermelho, quando se olhava por cima, vermelho de chapéus de couro. Lá todo mundo usava chapéu de couro, ninguém usava outra coisa. O pessoal ia pra feira, mas levava o gibão nas costas. O povo de lá era todo mundo vaqueiro”.

Para Seu Teca não existem difi-

culdades no cotidiano do vaqueiro. É só querer, pegar um cavalo, um terno de couro e à para luta. Ele lamenta que hoje não exista mais campo, “antes tudo era só campo e gado, e os vaqueiros iam campear com duas ou três léguas de distância, só pegando gado no mato. Levavam queijo e rapadura nos alforjes pra comer. Na verdade era uma festa”.

“É uma alegria imensa quando os vaqueiros estão se preparando para ir ao campo pegar boi. É trabalho, é diversão. O vaqueiro sai de sua casa aboiando rumo à pega de boi, entra no mato rumo ao desconhecido com um objetivo, volta para casa com o seu rebanho”. Para o sertanejo a vida sofrida é uma dádiva, pois é Deus que lhe dá coragem e força para seguir com a luta do cotidiano.

Para o sertanejo Teca, estar com os trajes de vaqueiro é o mesmo que um oficial do Exército com sua farda. Entrar no mato e voltar com o animal pego era a maior satisfação, era a sensação de dever cumprido.

Seu Teca é também um exemplo de vaqueiro que aprendeu a conviver com as dificuldades do sertão, principalmente com a seca. Segundo ele, durante a vida de vaqueiro nunca perdeu uma cabeça de gado por falta de pasto ou água, pois sempre trabalhou com planejamento para evitar prejuízos. “No passado o vaqueiro era mais valorizado, cada bezerro que nascia o vaqueiro tinha um quarto dele, dessa forma era muito melhor. O vaqueiro de verdade era aquele que ganhava quarto de bezerro. Vaqueiro que ganhava dinheiro não tinha cuidado com o rebanho e deixava muitos bezerros morrer. Naquele tempo os vaqueiros tinham mais incentivos. Eles eram mais cuidadosos e morria pouco bicho. Hoje os patrões não valorizam mais esses profissionais, hoje eles querem pagar pouco por muito trabalho”, ressalta seu Teca.

Jardel Militão Vilar (Jardel), 20 anos, neto de seu Teca, é o vaqueiro

“Eu tinha prazer em ser vaqueiro. Lá onde eu morava no município de Saboeiro, todo mundo queria ser vaqueiro”

Expedito Gonçalves



Expedito Gonçalves: o vaqueiro é como oficial do Exército com a sua farda

“mudo” como diz o avô. É que ele não grita com o gado. É o principal herdeiro do ofício da lida sertaneja. Começou com cinco anos de idade, acompanhando seu Teca. Agora com vinte anos, é destaque entre os vaqueiros na região. Muito jovem, seguiu caminho diferente dos amigos da mesma idade. Enquanto eles procuraram a cidade, Jardel optou pela vida sertaneja. Ele se tornou um vaqueiro diferente, não maltrata os animais nem com palavras. Jardel é na verdade um exemplo raro de profissional, dedicado, apaixonado pelo que faz. Ele se sente realizado com a escolha da profissão, pois não se dedicou muito aos estudos. Tudo que ele sabe aprendeu com o tempo, ou talvez, como disse o Poeta Patativa do Assaré: “aqui Deus me ensinou tudo sem de livro precisar”. Jardel

sempre foi um menino ativo, nas suas aventuras. Já quebrou os braços algumas vezes, mas não pensa em jamais deixar a vida do campo.

Com o passar do tempo, a vida do vaqueiro de hoje não mudou. Correr atrás do animal desgarrado faz parte do seu dia a dia. Em todo o Nordeste brasileiro esta prática é bastante comum de se ver por estradas de terras e matagais: homens vestidos de roupa de couro correndo atrás dos bovinos, arriscando sua vida em plena caatinga, de árvores espinhentas e cheias de surpresas.

Cícero Pereira da Silva (Tandinha), 38 anos, vaqueiro que sempre trabalhou junto com Teca diz que para ser Vaqueiro tem que ter vocação. “Ser Vaqueiro é estar disposto a vários riscos, o vaqueiro não tem uma vida fácil”. Com quase trinta

anos de profissão, Tandinha conta que “a maior dificuldade de ser vaqueiro é encontrar uma novilha braba ou acuada. Ser vaqueiro é estar disponível a passar sede, fome e a sofrer arranhões pelo corpo dentro do mato”.

O sertão, hoje é muito conhecido pelos estereótipos veiculados na grande mídia, que mostra a cara do nordeste de um modo diferente da realidade. Mostra um povo sofrido e sem expectativas de vida, mas na realidade é um povo forte e com tradição. Isso a televisão não mostra. A figura do vaqueiro, muitas vezes, citada em poemas, é a imagem da bra-

vura do sertanejo, que trabalha de sol a sol na condução do rebanho.

Sertão, sertão. Romancistas do Nordeste - José Lins do Rego, Graciliano Ramos, José Américo de Almeida, Rachel de Queiroz - retrataram em seus livros o Nordeste e seus personagens. Entre eles tem lugar de destaque o vaqueiro. Nas festas da fazenda, narrando suas histórias, remoendo a memória. O vaqueiro sempre em busca do sertão ideal, da terra do País de São Saruê, com água e comida abundantes. “Lá os tijolos das casas são de cristal e marfim/as portas barras de prata/fechaduras de ‘rubim’/ as telhas folhas de ouro /e

“A maior dificuldade do vaqueiro é encontrar uma novilha braba ou acuada. Ser vaqueiro é estar disponível a passar sede, fome e a sofrer arranhões pelo corpo dentro do mato”

Cícero Pereira
(Tandinha)



Jardel, neto de seu Teca, representa a nova geração de vaqueiros



Depois de beber água, o vaqueiro conduz o gado para o pasto

o piso de sitim [...]/Lá eu vi rios de leite/barreiras de carne assada/lagoas de mel de abelha/atoleiros de coalhada/ açudes de vinho do porto/ montes de carne guisada.”

O velho Graça em *Vidas Secas* descreve, por sua vez, a hostilidade do sertão, a injustiça humana, selvagem - “o curral deserto, a casa do vaqueiro fechada, tudo anunciava abandono”. *Vidas Secas* tem o olhar do sertanejo fugindo da seca, em busca de vida em outras paragens. Vida de retirante, a impotência de Fabiano diante do flagelo natural.

Em outros livros o vaqueiro assume função mítica. As lendas são muitas. Coragem e força, mãos dadas com a natureza. Um herói. Um Hércules sertanejo. Amansar, curar e proteger os animais; preparar os campos de pastagem, transportar suas boiadas. Tarefas do homem e seu império.

Lendas e verdades contadas, agora, pelo vaqueiro aposentado Expedito Gonçalo (seu Teca), seu neto



Vaqueiros conversam no alpendre ao fim de um dia de trabalho



Jardel Militão Vilar e Cícero Pereira. (Tandinha). Gerações de vaqueiros com suas histórias. Espalhadas por todo o nordeste brasileiro.

Coragem não falta ao vaqueiro de ontem e o de hoje, mesmo dentro da mudanças ocorridas em decorrência da globalização.

Tanto que é homenageado em todo o Nordeste. A principal celebração é A Missa do Vaqueiro, um evento religioso, tradicional na cultura popular nordestina. É um espetáculo cultural que tem sua origem a partir de uma história sangrenta. No dia 08 de julho de 1954, o vaqueiro Raimundo Jacó, foi traiçoeiramente assassinado nas caatingas do Sítio de Lages, distrito do município de Serrita, localizado no alto sertão do Ara-

ripe, Estado de Pernambuco.

De acordo com a tradição, o início da celebração é dado com uma procissão de mil vaqueiros a cavalo, que levam, em honras a Raimundo Jacó, oferendas, como chapéu de couro, chicotes e berrantes ao altar de pedra rústica em formato de ferradura.

A importância do vaqueiro ganhou o Brasil inteiro. Tanto que é amparado por lei publicada em setembro de 2013. Lei que garante os deveres e os direitos desse profissional do sertão. Ela define como atividade desse profissional a realização de tratos culturais em forrageiras, pastos e outras plantações para ração animal; alimentar os animais sob seus cuidados; realizar ordenha e cuidar da saúde dos animais sob sua

responsabilidade; auxiliar nos cuidados necessários para a reprodução das espécies, sob a orientação de veterinários e técnicos qualificados; treinar e preparar animais para eventos culturais e socioesportivos, garantindo que não sejam submetidos a atos de violência e efetuar manutenção nas instalações dos animais sob seus cuidados. A lei garante como direito dos vaqueiros - carteira assinada, férias, décimo terceiro, salário família etc.

Mas o vaqueiro, o símbolo maior do sertão, resiste às mudanças. Como canta no Cordel “Ofício de Vaqueiro” de Antônio Ribeiro da Conceição: “Graças a Deus que o vaqueiro/O grande herói do sertão/ Ser vaqueiro sempre foi/ Teve o seu ofício agora / Ofício qualificado/ Visto como profis-



Grupo de dar água ao gado, o vaqueiros conduz o gado para o pasto

são/ Exige prática e talento/É a chuva da justiça /Para lidar com o gado/No pé da reparação./ Fazer que os bichos entendam/Ir pra o canto desejado./[...] É Deus que ensina o vaqueiro/Seja noite, ou seja dia /Ele já nasce sabendo/La no campo ou no curral/ Muitas coisas do ofício.”]



Experiência do repórter

Como uma matéria jornalística convencional, “A resistente vida de Vaqueiro” foi produzida a partir de pauta e pesquisa de campo. A ideia de produzir este trabalho foi uma sugestão que fiz e em seguida aprovada por todos que fazem parte do laboratório de impresso. Já tinha contato anterior com os Personagens, fato que colaborou para o melhor andamento do trabalho. A construção da matéria foi feita em duas visitas de campo e várias horas de conversa coletivas e individuais.

A princípio foi fácil, os entrevistados colaboraram com muitas informações, tanto nos depoimentos quanto em sugestões de melhor horário para garantir boas fotografias. Por outro lado, tive muitas dificuldades para selecionar falas e fotos dos vaqueiros que melhor representassem a profissão.

Tudo foi uma construção emocionante, o contato com todos, a conversa no campo e a sensação de ver o vaqueiro pegando a novilha, foi algo que me marcou fortemente nessa produção.



